

**UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO  
MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL**

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e  
Cooperação Internacional**

**Turismo e Desenvolvimento Humano na Província  
de Inhambane**

**Kátia Sara Henriques Xavier**

**Orientação:** Professora Doutora Joana Helena Maria Fajardo Pacheco Pereira  
Leite

**Co-orientador:** Professor Doutor Carlos Alberto Pestana Barros

**Júri:**

**Presidente:** Professor Doutor João António Ramos Estevão

**Vogais:** Professor João Sarmento

Professor Doutor Carlos Alberto Pestana Barros

Professora Doutora Joana Helena Maria Fajardo Pacheco Leite

**UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA**  
**INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA E GESTÃO**  
**MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL**

**Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e  
Cooperação Internacional**

**Turismo e Desenvolvimento Humano na província de  
Inhambane**

**Estudo de caso:** Análise do desenvolvimento recente  
(últimos 10 anos) do Turismo na cidade de Inhambane e a  
costa litoral, praia do Tofo e praia da Barra.

**Kátia Sara Henriques Xavier**

**Orientação:** Professora Doutora Joana Helena Maria Fajardo Pacheco Pereira  
Leite

**Co-orientador:** Professor Doutor Carlos Alberto Pestana Barros

### **Glossário**

AHTPI	Associação de Hotelaria e Turismo da Província de Inhambane
BM	Banco Mundial
DFID	<i>Department for International Development</i>
EN1	Estrada Nacional Nº 1
FRELIMO	Frente de libertação de Moçambique
FUTUR	Fundo Nacional para o Desenvolvimento do Turismo
ESHTI	Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane
GTZ	Cooperação Técnica Alemã
IPEX	Instituto para a Promoção de Exportações
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDE	Investimento Directo Estrangeiro
INATUR	Instituto Nacional do Turismo
INE	Instituto Nacional de Estatística
MANU	<i>Maconde African National Union</i>
MITUR	Ministério do Turismo
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONU	Organização das Nações Unidas
ONGs	Organizações Não Governamentais
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMT	Organização Mundial do Turismo
PNB	Produto Nacional Bruto
PIB	Produto Interno Bruto
PVD	Países em Vias de Desenvolvimento
PPT	<i>Pro-Poor Tourism</i>
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RENAMO	Resistência Nacional Moçambicana
RDH	Relatório do Desenvolvimento Humano
SNV	<i>Netherlands Developments Organization</i>
TER	Turismo em Espaço Rural
UDENAMO	União Democrática Nacional de Moçambique
UNAMI	União Nacional Africana de Moçambique Independente
WTO	<i>World Tourism Organisation</i>
WTTC	<i>World Travel &amp; Tourism Council</i>

## Sumário Executivo

Nos anos 50/60 começou a dar-se particular atenção tanto na Europa como nos EUA e Austrália ao turismo enquanto oportunidade para o desenvolvimento económico. Com efeito, de acordo com a *World Tourism Organisation (WTO)* esta actividade tem um papel crucial na luta contra a pobreza nos países de baixa renda.

Um dos desafios do novo milénio para os países pobres é o desenvolvimento económico e social. De acordo com Thirlwall (2002), uma das causas da pobreza nesses países é a baixa produtividade, associado aos baixos níveis de capital físico e humano (educação), e os baixos níveis de tecnologia.

Assim sendo, e tendo em conta a importância que tem vindo a assumir o turismo como factor de desenvolvimento económico, muitos países da África Sub-sahariana têm dado um ênfase crescente a esta actividade nos seus planos estratégicos de desenvolvimento, desafio a que Moçambique não tem ficado alheio.

Por esta razão, e dadas as excepcionais condições naturais de que beneficia a faixa litoral do país, tanto a norte como a sul, a questão do turismo *versus* desenvolvimento, constitui a temática central desta dissertação de Mestrado. O estudo consagra particular atenção à província de Inhambane, região meridional do território moçambicano, detentora de grandes potencialidades, não apenas naturais mas também históricas, para a dinamização desta actividade.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento, Desenvolvimento Humano, Turismo, Pobreza, Impacte, Inhambane, Moçambique.

## **ABSTRACT**

Tourism started In years 50/60 in the Europe, in U.S.A. and Australia as away to promote economic development. Although in accordance with World Tourism Organisation (WTO) this activity has a crucial role in the fight against the poverty in the low income countries. One of the challenges of the new millenium for the poor countries is the economic and social development. In accordance with Thirlwall (2002), one of the causes of the poverty in these countries is low productivity, associated with the low levels of physical and human capital (education), low levels of technology.

In this line, taking into account the importance that tourism has been displaying as a factor of economic growth, many Southern African nations have been enhancing tourism as a result of their developing plan strategies to which Mozambique is no exception. For this reason and taking Mozambican's exceptional coast qualities into consideration, tourism vs development is the main topic of this Masters dissertation. The research focuses particularly on Inhambane, a province located in the South, with great potentialities, not only natural but also historical, a fact that can only boost growth in tourism.

**Keywords:** Development, Human Development, Tourism, Poverty, Impact, Inhambane, Mozambique

## **Índice Geral**

Glossário.....	3
Sumário executivo.....	4
Abstract.....	5
Índice.....	6
Índice de Anexos e quadros .....	7
Dedicatória.....	8
Agradecimentos.....	9
Introdução.....	11
<b>Capítulo 1. Quadro teórico e contextual.....</b>	<b>13</b>
1.1 Desenvolvimento, Desenvolvimento Humano e Turismo: em busca dos conceitos e das definições.....	13
1.2 Das questões económicas e sociais à formulação de políticas: a difícil avaliação dos impactes do turismo.....	17
1.3 Turismo e Desenvolvimento Sustentável	
1.4 O Turismo nos Países em vias de desenvolvimento: Turismo em desenvolvimento e o combate à pobreza.....	23
<b>Capítulo 2. Estudo de caso em Moçambique: Análise do desenvolvimento do turismo na cidade de Inhambane e na costa litoral, praias do Tofo e da Barra.....</b>	<b>25</b>
2.1 A história de Moçambique: da presença portuguesa ao período pós colonial.....	27
2.1.1 O Período Pós-Independência: da Guerra Civil à Paz.....	28
2.2 Inhambane, uma janela sobre o Índico: História, geografia e os recursos naturais..	29
2.3 A economia do Turismo e sua interacção com outros sectores de actividade.....	31
<b>Capítulo 3. Um olhar sobre a situação do desenvolvimento humano: Cidade de Inhambane, Praia da Barra e Praia do Tofo.....</b>	<b>37</b>
3.1 Os investimentos na costa Litoral de Inhambane.....	37
3.2 As diferentes dimensões desse impacte.....	39
3.3 Impactes sobre o modo de vida das comunidades locais.....	43
3.4 Reflexão em torno dos resultados obtidos através do inquérito realizado às famílias das populações circundantes ao pólo turístico.....	48
<b>Capítulo 4. Conclusões .....</b>	<b>49</b>
Bibliografia.....	52
Anexos.....	68

## **Índice de Anexos, quadros e figuras**

Anexo 1. Entrevista ao Dr. Manuel Mutimucuo

Anexo 2 Entrevista ao Dr. King

Anexo 3: Entrevista ao Dr Amilcar Chambule

Anexo 4: Entrevista ao Dr. Manuel Nhamtumbo

Anexo 5: Entrevista à Dra. Mariamo Abdula

Anexo 6: Inquérito administrado aos agregados familiares das povoações circundantes ao pólo turístico

Anexo 7: Gráficos sobre o desempenho do turismo na Província de Inhambane

Anexo 8: Mapa de África

## **Lista de quadros**

Quadro1. Estabelecimentos turísticos de Inhambane

Quadro 2. Estatísticas Descritivas das Variáveis

Quadro 3. Resultados do modelo logit

## **Lista de figuras**

Figura 1. Mapa de Moçambique

Figura 2. Mapa da região Sul

Figura 3. Município de Inhambane

*Aos meus pais, Hélder e Joaquina Xavier e  
Irmãos Nelton, Cheila e Dilson,  
Que foram privados da minha companhia com tão tenra idade e  
Ao longo de todo meu percurso estudantil  
Sempre me apoiaram*

## **Agradecimentos**

Com este Mestrado, marco o fim de uma longa e grande caminhada que se iniciou em Évora a 14 anos. Foram muitas as pessoas que contribuíram para que este trabalho chegasse ao estágio que chegou, porém existem pessoas que precisam ser lembradas pelo apoio e contributo que deram ao longo da elaboração do mesmo:

À Professora Doutora Joana Pereira Leite, desde o dia que falei lhe apenas da vaga ideia que tinha sobre o que seria a minha Dissertação mostrou-se aberta e disponível para se aventurar comigo neste desafio que era para mim, a ela o meu MUITO OBRIGADA.

Ao Professor Carlos Barros, que se mostrou disponível para complementar a parte mais quantitativa do trabalho.

Se consegui por em prática o trabalho de campo, foi graças ao meu tio Baltazar e meu primo Helton Xavier, a eles o meu fortíssimo KHANIMAMBO.

À professora Mariamo Abdula, Docente da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, que se prontificou a dar-me todo apoio.

Ao Dr Manuel Matimucio Director da SNV, pelo tempo e todo apoio disponibilizado, estou lhe muito grata.

Ao Dr King, por me ter aturado vezes sem conta mesmo atolado de trabalho

Ao Adértio, Agnelo e João alunos da escola de superior e Hotelaria e turismo, o meu muito obrigado por toda ajuda e pelo tempo disponibilizado durante o trabalho de campo

Ao Dr Manuel Nhamtumbo, Accionista do Grupo Barra Resorts; ao John sócio do grupo barra resorts; aos trabalhadores em geral do barra lodge; ao Gal da water Works; ao gerente da casa Barry; Ao Sr Sambuco, Técnico de Licenciamento de actividade turística; Ao Dr Chambule; a todos os trabalhadores da Direcção Provincial de turismo.

À Juliana, que durante a minha estadia em moçambique naqueles momentos que pensava que já não ia aguentar apoiemo-nos uma na outra para estudar, valeu a pena

Aos meus colegas do Mestrado pelo companheirismo e apoio dentro e fora das aulas, o meu KHANIMABO

Aos meus amigos que ao longo destes anos em Portugal foram o meu porto seguro, minha família, meus companheiros de batalha nos momentos que as saudades apertavam, à eles o meu KHANIMAMBO

E a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para que isto fosse possível, o meu muito OBRIGADA.

## **Introdução**

O turismo é entendido como sendo uma oportunidade para a diversificação da economia devido a interligação que estabelece com muitos outros sectores de actividade. Com efeito, as externalidades que permitem criar beneficiam diversas camadas populacionais, o que leva a considerá-la como base para o desenvolvimento em muitos países em vias de desenvolvimento (Ghimire, 2001; Christie, 2001; Elliot, 2005).

De acordo com Dieke (2005) os benefícios do turismo poderão ser vistos a dois níveis: a nível macro ou nacional (como factor de crescimento) e a nível micro ou sub nacional ou local (enquanto fundamento do bem-estar social).

Na maior parte dos países africanos o sector do turismo é muito fraco. Contudo, os governos africanos consciencializam-se da sua importância. O sucesso desta actividade depende de políticas governamentais favoráveis ao investimento, dominado maioritariamente pelo sector privado.

O que se pretende com este trabalho é perceber qual o impacte do investimento estrangeiro na actividade turística na região de Inhambane, na perspectiva do bem-estar e do desenvolvimento humano das comunidades locais. O estudo de caso prestará atenção à última década, período de mobilização de esforços consideráveis no sentido do desenvolvimento da actividade turística tanto na cidade de Inhambane como na sua costa litoral, nomeadamente na praia do Tofo e na praia da Barra.

É nossa intenção que esta análise venha a estimular a reflexão em torno da situação actual do turismo na região e que possa servir de suporte aos planos de turismo existente no que concerne ao desenvolvimento local comunitário.

## **Metodologia de trabalho**

Na medida em que esta análise é de cariz fundamentalmente qualitativo, dada a escassez de informação estatística sobre o tema, o aprofundamento das ideias aqui presentes implicou o recurso a três tipos de fontes essenciais: 1) **Fontes documentais**, pela recolha de documentação oficial (planos de desenvolvimento nacional e regional), de legislação enquadradora da actividade turística, obras de referência e artigos sobre o tema, de natureza teórica e contextual. Refira-se neste quadro a recolha documental e de dados estatísticos realizada na Escola Superior de Hotelaria e Turismo (ESHTI)

localizada na cidade de Inhambane; **2) Fontes orais obtidas através da realização de entrevistas livres** junto a informadores privilegiados. Inquirimos, nomeadamente, quadros da administração, nacional e regional, ligados à gestão do Turismo, empresários, empregados e habitantes das zonas turísticas, e ainda alunos e professores da instituição acima referida. **3)** Por último, esta dissertação beneficiará dos **resultados obtidos a partir da Administração de um inquérito** aos agregados familiares das povoações circundantes ao pólo turístico para a avaliar as suas percepções sobre o turismo.

Neste âmbito, e através de um questionário de respostas fechadas identificaram-se variáveis passíveis de avaliar tanto a **qualidade de vida** como o **desenvolvimento humano** (O acesso aos bens de consumo<sup>1</sup>; Nível de educação<sup>2</sup>; Nível de urbanização<sup>3</sup>; benefício ao nível das infra-estruturas públicas<sup>4</sup>).

A amostra da população alvo foi seleccionada de acordo com uma estratificação Rural / Urbano, isto é distinguindo os habitantes da cidade de Inhambane dos da Zona Litoral. O agregado familiar constitui a unidade de observação. Por último a análise conclui que os resultados captados junto à população rural e urbana exposta ao turismo com aqueles que resultam da administração do inquérito à população não exposta ao turismo<sup>5</sup>.

### **Organização do trabalho**

O presente trabalho será composto por 4 capítulos. No primeiro, dedicado ao enquadramento do tema, serão abordadas as questões relativas ao desenvolvimento, desenvolvimento humano, turismo e ainda a relação que esta actividade estabelece com o alívio da pobreza. No segundo capítulo entraremos na análise do estudo de caso, passando um pouco pela história não só de Moçambique mas também de Inhambane, procedendo-se aqui a uma contextualização da actividade turística nesta zona do país. No terceiro capítulo serão então analisados os impactes do turismo sobre o desenvolvimento humano tendo em conta as fontes documentais, a observação qualitativa e os dados resultantes da implementação do inquérito. A parte final será dedicada às conclusões, que resultam da análise feita ao longo deste trabalho de investigação.

---

<sup>1</sup> Andam de chapa; andam de carro; frequenta pastelarias.

<sup>2</sup> Educação

<sup>3</sup> É da cidade

<sup>4</sup> Estradas melhoraram

<sup>5</sup> Ver questionário em anexo

## Capítulo 1: Quadro teórico e contextual

### 1.1 Desenvolvimento, Desenvolvimento Humano e Turismo: em busca dos conceitos e das definições

É necessário distinguir entre desenvolvimento económico e crescimento económico, cujos conteúdos são bem distintos. O **Crescimento económico** é uma medida quantitativa, dos aumentos do Produto Nacional Bruto (PNB) e do Produto Interno Bruto (PIB) relativamente à expansão populacional. Por seu turno o **Desenvolvimento económico** é um conceito mais amplo, que avalia os resultados do crescimento económico quer em termos de mudanças estruturais das economias quer na perspectiva dos ganhos sociais, em termos de bem-estar das populações; Assim o que está em causa quanto ao conceito de desenvolvimento não são apenas as variáveis económicas mas também os objectivos sociais (Thirlwall: 2002).

Assim no que respeita ao Turismo, ainda que se apresente hoje uma das actividades económicas mais dinâmicas dos Países em Vias de Desenvolvimento (PVD), existem actualmente reticências quanto ao seu papel no processo do desenvolvimento económico. Neste quadro, a questão que interpela hoje muitos analistas é pois a de saber se o devemos considerar como um **factor** de desenvolvimento ou, mais amplamente, enquanto **meio** que permite alcançar as bases do desenvolvimento económico e do progresso social (Futter: 1997; Cunha:1997; Thirlwall: 2002)

Na realidade, se por um lado o Turismo se apresenta como um aliado, por outro pode provocar danos sociais e não ter grande importância ou relevância a nível económico e da sua incidência no bem-estar da sociedade. Nos casos em que tal sucede, os benefícios económicos esperados podem ser negligenciáveis em virtude das estruturas económicas existentes não permitirem o seu desenvolvimento sem recurso a importações maciças, como tudo indica ser o caso de Moçambique.

Do que ficou exposto, e em nosso entender, sempre que se fala em “ turismo para o desenvolvimento económico”, não devem ser esquecidos o homem, a sua cultura, a sua inserção social, o meio ambiente, bem como os factores naturais e patrimoniais que enquadram e dão sentido a este objectivo. Imperioso é ainda que as comunidades locais sejam incluídas nesse processo. Estes são aspectos cuja pertinência importa

certamente salientar dado que nos PVD acontece, lamentavelmente, que as populações locais são frequentemente excluídas em toda a linha da actividade turística verificando-se ainda que dos benefícios aí gerados, somente uma ínfima parte se traduzem em aumento de riqueza para o país. Esta preocupação conduz-nos a adoptar a perspectiva do desenvolvimento humano quando abordamos a problemática do Turismo no contexto dos PVD, da África Sub-sahariana, em geral, e de Moçambique em particular.

**O conceito de Desenvolvimento Humano** entende-se por expansão das capacidades “*capabilities*” isto é, alargamento das possibilidades, das escolhas oferecidas a cada um, tal como foi formulado por Amartya Sen. Esta nova perspectiva de encarar o desenvolvimento, pensamento renovador que a abordagem das “*basic needs*” inaugura nos finais dos anos 70, viria a ganhar peso no seio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que a ela consagra a edição dos Relatórios do Desenvolvimento Humano (RDH), a partir de 1990. Com efeito, tratou-se de propor uma alternativa à concepção neo-liberal do desenvolvimento adoptada nos anos 80 pelas Instituições de Bretton Woods, consubstanciada nas políticas de estabilização e ajustamento estrutural. É neste quadro que o índice de desenvolvimento humano<sup>6</sup> (IDH) surge como indicador alternativo à avaliação do Desenvolvimento com base no PIB/Rendimento *per capita*. Abria-se assim o caminho a novas formas de avaliar as diferentes dimensões sociais do desenvolvimento e da pobreza, o que veio a enriquecer a panóplia de instrumentos propostos nas décadas anteriores, nomeadamente pelo Banco Mundial (BM), no âmbito do *World Development Reports*.

Apartir de meados dos anos 70, começou a imperar a ideia de que o desenvolvimento deveria ter em conta a satisfação das necessidades básicas<sup>7</sup> (*Basic needs*), e não

---

<sup>6</sup> Quando se fala no Índice de Desenvolvimento Humano, fala-se em algo que engloba as seguintes dimensões: uma vida longa e saudável; conhecimento e um padrão de vida decente.

<sup>7</sup> A escola dos “Basic needs” (BNA-basic needs approach) nasce em torno da OIT (Bariloch group, 1976) em finais dos anos 70. Trata-se de propor uma concepção de desenvolvimento assente em preocupações redistributivas do produto e direccionado para a satisfação das necessidades básicas das populações. Na sequência desse movimento o Banco Mundial, sob a administração de Mac Namara (68/80) viria a adoptar a noção de “Redistribution with Grow” difundindo a utilização de indicadores sociais do desenvolvimento. De acordo com o paradigma do *basic needs*, o bem-estar social aparece associado não à maximização da utilidade como pretendia o paradigma neo-clássico mas sim à oferta de bens e serviços. A esta visão sucede o paradigma do desenvolvimento humano, concebido enquanto alargamento das “*capabilities*” (capacidades e possibilidade) oferecidas a cada um e cujo fim ultimo é o bem estar social associado à realização de escolhas por parte dos indivíduos em sociedade. Ver texto: Fakuda-Parr, A. 2003.

apenas o crescimento económico como acontecia até então. Apartir desta altura o desenvolvimento recentra-se em torno do homem passando a haver uma maior preocupação com a qualidade de vida. Com Amartya Sen, aprofunda-se a perspectiva de que as pessoas deveriam fazer parte de um plano integrado de desenvolvimento a longo prazo. Segundo este autor, não deveria ser o rendimento a ditar o nível de vida, mas sim a capacidade das pessoas viverem as vidas que apreciam (Sen e *tal*: 2000)

É assim que, para Sen, o bem-estar engloba melhor saúde, participação, educação e liberdade de escolhas. Neste sentido, o desenvolvimento humano “*é um processo de alargamento das escolhas das pessoas*” (PNUD, RDH 1996: 49), porém não nos devemos esquecer que este é um conceito em evolução, não é estático. Em 1990, o PNUD incorporou as ideias defendidas por Sen e Mahbub Al Haq quando publicou o primeiro relatório de desenvolvimento humano. Para representar estas dimensões foram escolhidas 3 variáveis: esperança de vida à nascença, nível educacional e rendimento.

O principal objectivo do IDH é que este venha a atingir o valor máximo possível mais próximo de 1. Este viria a permitir uma melhor comparação entre os países. No sentido da materialização destes pressupostos, é assim necessário ter em conta que o desenvolvimento humano reque investimentos na educação, saúde e nutrição. Do que atrás foi dito se depreende que o paradigma do desenvolvimento humano assume grande relevância quando se trata de avaliar os resultados da actividade turística nos PVD em termos do seu impacte no bem-estar das comunidades locais.

Contudo, importa ainda atender ao conteúdo substantivo do **conceito de turismo**. De facto, ao longo dos anos foram-se adoptando várias definições, o que explica a falta de consenso na definição do mesmo e, por consequência, as dificuldades que subsistem sempre que se pretende avaliar os impactes desta actividade.

No fundo, todas as definições dão ênfase ao facto de o turismo ser uma actividade que compreende a deslocação de pessoas para além do seu local habitual de residência e não envolvendo, durante essa estada, o exercício de uma actividade remunerada<sup>8</sup>. De acordo com Lickorish e Jenkins (2000), é importante realçar que a maior parte das definições do turismo são de cariz económico. Para efeitos deste trabalho usaremos a

---

<sup>8</sup> Para efeitos deste trabalho não iremos nos debruçar sobre todas elas, para tal *vide*: SDN: 1937; Lickorish e Jenkins: 2000; Cunha:1997;

definição da Organização Mundial do Turismo (OMT), segundo a qual o turismo “*compreende as actividades desenvolvidas por pessoas ao longo das viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros*” (Cunha, 1997: 9).

Várias obras (Cunha: 1997; Lickorish e Jenkins: 2000; Careto e Lima: 2006) sublinham a dificuldade em classificar o turismo, interrogando-se os autores se este será um sector, uma indústria ou uma actividade económica. Contrariamente às outras indústrias aqui não é fácil medir os resultados da produção. Com efeito, na agricultura por exemplo, é possível definir a quantidade de trigo produzida, nas bebidas os litros de vinho, na indústria automóvel o número de automóveis e por ai em diante. Porém tudo indica que o termo mais adequado deva ser o de actividade económica, uma vez que os serviços prestados pelo sector turístico satisfazem necessidades e são um bem escasso.

Apesar da origem da actividade turística remontar à segunda metade do séc. XIX, sem dúvida que se trata de um fenómeno do séc. XX. Se por um lado, o desenvolvimento económico e social que se tem verificado nos últimos anos tornou esta actividade acessível a várias camadas da sociedade, por outro, as motivações para viajar foram se alterando de época para época<sup>9</sup>.

Com efeito, o período posterior a II Guerra Mundial marcou profundamente esta actividade. Assistiu-se, por um lado, à sua **democratização** dado que todas as camadas da população passam a participar no turismo. Por outro lado, verificou-se a sua **planetarização**, ou seja, o turismo estendeu-se por todo o mundo, transpondo as fronteiras nacionais. Sem dúvida que a evolução dos transportes, a melhoria na segurança e a consciencialização da importância deste sector contribuiu para expansão desta actividade.

---

<sup>9</sup> Contudo, Cunha (1997) identifica 3 épocas históricas do turismo: por um lado a **Idade Média/Clássica** que corresponde aos primórdios das primeiras civilizações até a primeira metade do séc. XVII. É nesta altura que são feitas as primeiras viagens para se efectuar transacções comerciais e outros fins; são ainda construídas estradas, que permitiam o contacto mais rápido entre as populações. A **Idade Moderna (meados do séc. XVII ao séc. XIX)** corresponde época fortemente marcada pelas mudanças a nível tecnológico, económico, social e cultural. Este período é ainda marcado pelo desenvolvimento dos transportes modernos, pelo lançamento das redes internacionais de caminhos-de-ferro e a criação das primeiras companhias aéreas. E Por último, a **Idade Contemporânea, período este** muito marcado pela I e II GM (1914 -18 e 1939-45) e pela crise de 29. As evoluções que foram ocorrendo ao longo dos tempos, levaram a que, a partir do início do séc. XX, o turismo passasse a ser considerado como uma actividade económica relevante.

Note-se ainda que, aliada aos desgastes provocados pelo turismo no ambiente, passou a existir uma maior preocupação e equilíbrio no uso dos recursos naturais. A nível dos alojamentos assiste-se a uma maior flexibilização na diversificação dos mesmos que vão desde o campismo, à habitação periódica, aldeamentos turísticos, os apartamentos turísticos e até aos *hostels*, de forma atingir todas as camadas populacionais.

Segundo Cunha (1997) o séc. XX iria ficar conhecido como o século do turismo. Verdade ou não, o certo é que os avanços que se deram e a importância que aquele assume são claras. Refira-se por último que cada vez mais os países se foram consciencializando da importância desta actividade para atingir alguns objectivos como os da redução da pobreza.

## **1.2 Das questões económicas e sociais à formulação de políticas : a difícil avaliação dos impactes do turismo**

O Turismo interage, influencia como também é influenciado por vários sectores de actividade. Na realidade, são consideráveis os ganhos a ele associados, desde a criação de emprego e ao desenvolvimento de inúmeras infra-estruturas, entre outros aspectos. Note-se, a título de exemplo, que um hotel que é construído por razões turísticas pode ser usado por razões não turísticas: casamentos, refeições, reuniões, conferências, etc. Assim, devido a sua heterogeneidade é difícil conceber o turismo como sendo uma actividade autónoma.

Com efeito, a análise dos resultados económicos do turismo é confrontada com uma série de dificuldades associadas à escassez de elementos estatísticos disponíveis. Note-se, por um lado, que o facto de, em termos estatísticos, o turismo não constituir um ramo económico independente, torna difícil avaliar a sua contribuição bruta para o PIB. Por outro lado, ao contrário de outras actividades, que se avaliam pelos bens e serviços produzidos, o turismo caracteriza-se pelos bens e serviços consumidos pelos turistas e estes quando são produzidos não se sabe se serão ou não adquiridos pelos turistas. Neste sentido o turismo define-se pela **procura** e não pela **produção**, ou seja pela **oferta**. Acrescente-se por último que, no momento da avaliação dos seus efeitos, importa ainda ter presente não apenas os efeitos económicos mas também as dimensões sociais, culturais e políticas, que envolvem esta actividade. Tal complexidade dificulta a avaliação dos impactes do Turismo, tanto mais que a mesma

não é dotada de uma metodologia própria sendo ainda limitada a investigação realizada sobre a matéria (Cunha: 1997).

Várias são as razões que levaram ao atraso na avaliação do turismo. Cunha (2005) destaca algumas delas :

- Em primeiro lugar o turismo é um sector que carece de informação sobre o seu real papel nas economias nacionais. Quanto à própria definição do termo turista foram necessários mais de 50 anos para que se chegasse a um consenso a esse respeito. Daí o facto de ser complicado avaliar uma coisa que não se sabe bem o que é;
- Em segundo lugar, esta é uma actividade muito recente, tendo em conta que a forma estruturada como é conhecida, a qual remonta a pouco mais de 5 décadas, quer a sua existência como área de conhecimento científico, com pouco mais de 20 anos;
- Por último, o facto de se tratar de uma actividade transversal dificulta muito o processo de avaliação.

Contudo, é certo que, no contexto dos desenvolvimentos recentes desta actividade, nomeadamente nos Países Desenvolvidos, alguns deles têm realizado estudos e desenvolvido metodologias adaptadas à **avaliação do turismo** e dos **seus impactes** noutras actividades

Assim, um dos aspectos a reter respeita a **massificação do turismo**, algo que veio para ficar, daí que seja importante que sejam criadas medidas para fazer face a esta situação. Porém esta massificação poderá ser umas das causadoras dos impactes positivos e negativos no destino turístico. Com efeito, dado que os bens turísticos são escassos, é importante que a sua utilização seja feita de forma consciente.

Por outro lado, Cunha (2005) refere que o turismo é tido como uma actividade que oferece melhores condições para o **desenvolvimento regional**, dado que utiliza as potencialidades locais, ao mesmo tempo que favorece a criação de emprego, o desenvolvimento de recursos humanos e o desenvolvimento rural. Porém, ainda que as suas repercussões económicas e sociais se façam sentir noutros sectores, importa ter em conta que nem todas as regiões detêm as mesmas condições para desenvolverem

esta actividade, sendo que o grau de importância varia de região para região. Mesmo assim, de acordo com os dados da OMT, têm-se verificado altos níveis de turismo intra-regional. Nesse quadro, tanto as organizações como alguns grupos regionais apresentam-se como interlocutores válidos no sentido da discussão e harmonização de certas políticas para o sector.

Pertinentes são ainda os **impactes não económicos do turismo**, isto é os seus efeitos sobre os **comportamentos sociais**. Com efeito, as suas implicações sociais são de extrema importância, quer para a “ sustentabilidade do desenvolvimento quer para o bem-estar das populações” (Vieira, 2005: 123). Quando se fala no turismo, existe uma tendência para o abordar do ponto de vista das dimensões económicas ou ambiental, pondo de parte a questão social. O que é um erro, uma vez que o turismo tem a ver com as pessoas. Assim, o turismo torna-se um factor de transformação económica, social e cultural para as sociedades tradicionais, tornando-as mais propícias à modernidade. Esta vai contribuir para quebrar o isolamento das sociedades fechadas, abrindo novas fronteiras para o conhecimento. Isto porque essas populações estão expostas aos hábitos e costumes dos turistas estrangeiros, hábitos esses que muitas vezes passam a ser adoptados.

Segundo Christie (2001), o turismo é uma actividade que tem uma vantagem comparativa em termos de género em relação a outros sectores de actividade pois emprega mais pessoas e mais mulheres em relação a outras actividades. Porém uma das críticas que é feita a este sector, nomeadamente nos PVD, é que a nível de empregabilidade, principalmente nos altos cargos, não existe mão-de-obra local, apenas estrangeira. Os empregos são normalmente mal pagos, em regime de *part-time*, sazonal e de baixas qualificações.

Saliente-se ainda que a massificação do turismo, já atrás referida, levou a que houvesse mais preocupação com os impactes sociais, culturais e ambientais que daí advinham. Na realidade, muitos problemas daí resultantes podem ser previstos se forem tidos em conta a quando da planificação das respectivas actividades. Como refere Lickorish (2000), em muitos casos os turistas não são sensíveis aos costumes e tradições das populações locais. Esta situação pode levar a dois tipos de reacção:

1. Rejeição dos visitantes estrangeiros por parte dos locais; ou

2. Adopção dos padrões dos estrangeiros (como a forma de vestir, hábitos, entre outros).

Com efeito, o turismo tem impactes tanto positivos como negativos para as famílias, e muitos deles estão associados as consequências da globalização (Futter: 1997; DFDI: 1999; Christie: 2001), e é importante que sejam referenciados alguns deles: salienta-se por exemplo como **impactes negativos**: os conflitos com outras actividades já desenvolvidas pelas comunidades locais; a Intrusão cultural, que ao causar a destruição de valores tradicionais e culturais poderá ser geradora de conflitos entre as comunidades e os grupos de turistas provocando possivelmente o aumento do crime e vandalismo; as alterações estruturais a nível económico e social, e degradação ambiental; finalmente a marginalização das populações locais, o que pode estar na origem de tenções sociais.

Quanto aos **Impactes positivos**: esta actividade poderá criar novas oportunidades económicas, potenciar a expansão do sector informal, principalmente para as mulheres que neste sector não costumam ter acesso a trabalhos a tempo inteiro, possibilitar o desenvolvimento de apetências; e finalmente contribuir para o melhoramento das infra-estruturas e da saúde pública

A pertinência das dimensões económicas e sociais do desenvolvimento da actividade turística levam-nos a reflectir sobre a definição de **políticas de desenvolvimento** para o sector. Começaremos por salientar que nem todos os países têm uma política do turismo, tal como acontece no Reino Unido, Namíbia e África do Sul. Segundo Lickorish *et al* (2000: 224) “ *uma política é uma consideração sensata de alterações*”. Com esta definição sugere -se que, para a maior parte dos países, os recursos são escassos, daí ser importante haver uma politica que repense essa questão.

É importante referir que a política não é um plano, esta apenas contém as bases pelas quais o plano se irá reger. A política do turismo é normalmente acordada pelo governo e no plano tenta-se atingir os objectivos dessa política. Normalmente, o plano exige uma monitorização, e esta poderá ser específica ou mais objectiva. **Específica** no sentido que é relacionada com a previsão de chegadas e os ganhos do turismo; e **objectiva** , no sentido que está relacionada com os impactes culturais do turismo. A monitorização

é bastante importante porque vai permitir que sejam melhorados aspectos que não tenham sido atingidos e poder se á reformular o plano.

De acordo com Lickorish (2000) ao fazer-se o planeamento é necessário ter em conta os seguintes aspectos: Análise da procura; Análise da oferta; Previsão da procura; Custos e financiamento do plano; Implementação<sup>10</sup>; Monitorização e Avaliação. Pois desta forma será feito um planeamento mais consciente e em harmonia com os objectivos pretendidos.

No que concerne a avaliação, é certo que os impactes económicos são facilmente mensuráveis e imediatos, enquanto que os impactes sociais e culturais levam tempo e são mais difíceis de medir, dada a escassez de informação.

### **1.3 Turismo e Desenvolvimento Sustentável**

*“O turismo ao mesmo tempo que é tido com um vector para o desenvolvimento e forte aliado na luta contra a pobreza contribui também para a degradação ambiental, pois o seu principal produto está ligado a natureza” (Careto e Lima: 2006).*

Tal como referem alguns autores (Lawrence: 1994; Cunha: 1997; Careto: 2006), o turismo é uma actividade privilegiada, dada as ligações fortes que estabelece com os recursos naturais e culturais, o que não acontece com outras actividades económicas.

As questões ambientais começaram a ganhar mais peso nos anos 70, momento em que a conferência das Nações Unidas sobre o ambiente em 1972 surge como o primeiro grande fórum internacional de discussão entre países ricos e pobres sobre as questões ambientais. Com efeito, foi desse fórum que surgiu o Programa das Nações Unidas para o Ambiente (PNUA).

Na sequência da conferência de 1972 em Estocolmo, é publicado em 1987 o relatório *Brundlant*, e nele se defendiam os princípios do desenvolvimento sustentável, isto é, um desenvolvimento capaz de satisfazer as necessidades actuais sem comprometer as gerações futuras. De acordo com o relatório, o desenvolvimento implica um trabalho integrado entre as organizações da sociedade civil e as comunidades, onde todos são parte do processo de conservação do meio ambiente.

---

<sup>10</sup> Poucos são implementados nos PVD; é necessário ainda que seja feito um trabalho conjunto para capacitar as populações locais, o que não acontece na prática pela falta de formação.

Porém, duas décadas após a conferência de Estocolmo, foram discutidas em 1992 na Cimeira do Rio ou da Terra as dinâmicas entre desenvolvimento económico e a preservação ambiental. Nessa cimeira, toma-se uma vez mais consciência da necessidade de ser estabelecida uma política de desenvolvimento sustentável a nível global. Consolidou-se nesta conferência o conceito de desenvolvimento sustentável das sociedades humanas.

Dessa cimeira, resulta a chamada Agenda 21, que enfatiza as seguintes dimensões fundamentais: **equidade social, ambiente e economia**. Este plano a ser implementado a nível nacional, global e local, pelas organizações do Sistema das Nações Unidas, Governos e Grupos Maioritários, visa envolver todos agentes na dinamização da actividade turística: operadores turísticos, população residente, visitantes e outros. Trata-se de um plano de acção que tem como principal objectivo o desenvolvimento sustentável de uma determinada comunidade, a nível económico, ambiental e social.

De acordo com esta perspectiva os recursos são geridos com um objectivo de gerar o bem-estar económico, social, cultural e ambiental, e para que haja este equilíbrio desejado, são necessárias novas formas de planeamento.

De acordo com alguns autores, Lickorish (2000), Christie (2001), Hill (1998), o turismo pode causar impactes negativos e positivos, tanto a nível dos recursos naturais como nas populações locais, tudo dependendo da forma como é planificada e desenvolvida a actividade. No caso de África, continente onde o turismo é muito dependente dos recursos naturais, a sustentabilidade só é possível se os activos naturais forem protegidos contra a degradação.

Por último, importa ainda realçar que existem várias formas de conciliar o turismo com o ambiente: o ecoturismo, Turismo em Espaço Rural (TER), e a recuperação dos imóveis patrimoniais entre outros. A *World Travel & Tourism Council* (WTTC) criou alguns mecanismos para tornar eficaz o objectivo de tornar o turismo sustentável são eles a: Agenda 21; *Eco-Nett* e *Green Globe*<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Sobre este assunto consultar o texto de Hill: 1998.

#### **1.4 O Turismo nos Países em vias de desenvolvimento: Turismo em desenvolvimento e o combate à pobreza**

*“The economic benefits of tourism have the potential to alleviate poverty in the developing world, but capacity building is needed at the local level to achieve these goals<sup>12</sup>”* Christie, 2001: 23.

As economias da África Sub-sahariana não estão preparadas para competir globalmente, dado que enfrentam barreiras, altos custos de Investimento Directo Estrangeiro (IDE) e existe uma enorme dependência do sector da agricultura. Tem-se verificado uma grande preocupação em pensar o turismo para além dos ganhos económicos, e pensa-lo em termos do seu alcance no combate a pobreza (Christie, 2001). De acordo com estudos feitos pelo *Department for International Development* (DFID), o turismo é uma actividade que afecta a vida das famílias em muitos países pobres quer positivamente quer negativamente. No entanto, se a eliminação da pobreza ocupa um lugar central na agenda da assistência internacional, tudo indica que o debate internacional sobre o turismo tem sido pouco atento a essa questão.

Nos anos 90 quando se falava em desenvolvimento esquecia-se ou punha-se de parte um actor importante, isto é, as comunidades locais, as quais não faziam parte desse processo. Actualmente, os projectos passaram a ser implementados com a colaboração das comunidades locais. Contudo, se o sucesso dos investimentos turísticos está muito ligado ao nível de desenvolvimento das comunidades locais, a capacidade de participação destas pode ser vista como uma limitação quando se atende ao défice de formação das mesmas. Assim o sucesso da sua intervenção, passa pelo incremento de um amplo leque de objectivos: empregar as comunidades locais; ajudar no estabelecimento de pequenas e médias empresas para fazer face as necessidades hoteleiras; fornecer formação e instrumentos para que possam desenvolver actividades específicas, como por exemplo a formação de guias turísticos. No fundo é necessário que haja um empoderamento (*empowerment*) das populações locais.

Vários autores, (Christie, 2001; Elliot, 2005) referem que para alguns países da África sub-sahariana, o turismo tem contribuído para o crescimento do PIB, sendo que poderá

---

<sup>12</sup> Os benefícios económicos do turismo tem um grande potencial para aliviar a pobreza nos PVD, mas a capacidade de construir deve ser feita a nível local para que se possa atingir este objectivo

contribuir também para o alívio da pobreza, embora não hajam muitas evidências de que se tenha verificado a sua redução. De facto, uma das preocupações nos PVD é perceber como se poderão estender os benefícios do turismo aos mais pobres e às comunidades locais. Uma leitura atenta da investigação realizada neste domínio ajudar-nos-á a clarificar esta questão.

Sabemos que os países africanos apresentam toda uma série de fraquezas que podem dificultar o desenvolvimento desta actividade: pobreza a nível de infra-estruturas, as quais em certos casos são mesmo inexistentes; insuficiência a nível de acomodação; serviços públicos de saúde precários; serviços de telecomunicações deficitários; problemas a nível de segurança; vazio a nível do ambiente empresarial e do sistema financeiro; fraqueza Institucional e ambiente político instável. Para sair deste ciclo vicioso é necessário que hajam instituições capazes, ambiente político e capital humano que ajude o continente a atingir os seus objectivos, isto é, redução da pobreza, desenvolvimento social, estabilidade política, crescimento do PIB per capita, melhorias nas condições de saúde, igualdade na distribuição dos recursos.

De acordo com a iniciativa *Pro-poor tourism (PPT)*<sup>13</sup>, as estratégias devem ser implementadas no destino por todos os agentes<sup>14</sup> envolvidos (os governos do Sul, as ONG's, empresários e os doadores). O *PPT* engloba não só a componente económica mas também a social, cultural e ambiental. Esta estratégia concentra-se nos impactes que esta actividade poderá ter nas populações mais carenciadas.

No entanto, quando se fala no turismo e na sua ligação com as comunidades é necessário ter em conta que as acções a pôr em prática devem ser acções pontuais e de pequena dimensão. Acções essas que devem estar ligadas ao conceito do ecoturismo, ou actividades mais específicas como o artesanato e o *marchandising* de culturas tradicionais locais.

Portanto, saliente-se que no contexto da corrida desenfreada aos recursos naturais como a água, acesso à terra e a outros recursos no geral, quem mais sofre são sempre os mais desfavorecidos, os pobres. Mas se por um lado são eles os que mais sofrem,

---

<sup>13</sup> A iniciativa *Pro-poor tourism* foca-se essencialmente na maximização dos benefícios para os pobres.

<sup>14</sup> Do inglês: *stakeholders*.

por outro lado são também os que mais tem a ganhar com as oportunidades de trabalho não especializado e com o desenvolvimento das infra-estruturas.

Note-se que em 2004, a OMT publicou um documento intitulado “turismo e alívio a pobreza: recomendações de acção<sup>15</sup>”. Nesse documento, foram identificados 7 mecanismos de acção importantes para lutar contra a pobreza através do desenvolvimento do turismo. No fundo o que este mecanismo preconiza é uma maior focalização nos mais pobres. No entanto, é necessário ter em conta que os custos inerentes a este processo poderão traduzir-se num entrave à aplicação prática desta acção fazendo com que uma vez mais se fique pelo enunciado das boas intenções.

Finalmente, quando se fala na redução da pobreza, é necessário ter em conta os planos existentes para que se possa fazer uma planificação conjunta. É tendo em conta esta perspectiva que, em Moçambique, o Plano de Acção Para Redução da pobreza Absoluta (PARPA)<sup>16</sup> coloca o turismo como sendo um sector complementar por se encontrar muito ligado a várias prioridades primárias.

## **Capítulo 2. Estudo de caso em Moçambique: Análise do desenvolvimento do turismo na cidade de Inhambane e na costa litoral, praias do Tofo e da Barra**

Moçambique fica situado na costa oriental da África Austral e ocupa uma superfície de 799 380 km<sup>2</sup>. Faz fronteira, a norte com a Tanzânia, a oeste com o Malawi, Zâmbia, Zimbabué, a sudoeste e sul com África do Sul e Suazilândia. É banhado ao longo de cerca de 2515km de costa pelo Oceano Índico. O clima é tropical com algumas variações.

---

<sup>15</sup> Documento cuja consulta não deixa de ser indispensável

<sup>16</sup> Este documento foi aprovado pelo governo de Moçambique com o objectivo de guiar as acções que contribuíam para a redução da pobreza através do processo de desenvolvimento. Da confirmação deste programa pelas Instituições de Bretton Woods resultou a ilegitimidade de Moçambique para iniciativa de perdão da dívida, por parte dosadores internacionais.



## **2.1A história de Moçambique: da presença portuguesa ao período pós colonial**

Na sequência da conferência de Berlim<sup>17</sup> (1884/1885), Portugal foi forçado a realizar a ocupação efectiva do território moçambicano, volvidos cerca de quatro séculos após a chegada de Vasco de Gama à costa africana do Índico (1498). Essa ocupação perdurou quase 1 século, sem que os moçambicanos estivessem contentes com tal situação. Foi esse sentimento de revolta que se foi agudizando durante anos e que levou a que o povo moçambicano se fosse unindo com o intuito de derrubar o sistema que havia sido imposto. O início da luta armada em Moçambique, em 25 de Setembro de 1964, foi um acto bem elaborado e esquematizado e relativamente ao qual o governo português não esperava de início que houvesse uma grande preparação por parte da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)<sup>18</sup>. O grande palco desta guerra foi o Norte<sup>19</sup> do país e aos poucos foi-se alastrando para o Centro.

Decorria então uma guerra que estava a causar não só danos para Portugal, mas também aos moçambicanos. Foi então que no decorrer desse mar de sangue, que se deu a revolução dos cravos em Lisboa a 25 de Abril de 1974. Após a revolução tornava-se necessária a definição por parte de Portugal da sua posição face aos seus territórios coloniais dos quais Moçambique fazia parte.

A questão que se colocava na época era a de se saber quem seriam os destinatários desse poder. Portugal, sob a presidência do General Spínola, ao enviar o seu 1º ministro a Moçambique, pretendia por um lado, que se encetassem negociações com a FRELIMO conducentes ao estabelecimento do cessar-fogo e, por outro, avaliassem quais as possibilidades de condizar a Colónia para uma autodeterminação ou para eleições, partindo do princípio que a entrega do poder seria feita a este movimento pois era considerado o único representativo do povo moçambicano<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> A Conferência de Berlim realizou-se entre 15 de Novembro de 1884 e 26 de Fevereiro de 1885 teve como objectivo organizar, na forma de regras, a ocupação de África pelas potências coloniais e resultou numa divisão que não respeitou, nem a história, nem as relações étnicas e mesmo familiares dos povos do Continente.

<sup>18</sup> A FRELIMO é o resultado da unificação de 3 movimentos nacionalistas de Moçambique, MANU, UDENAMO, e a UNAMI, que se deu em 25 de Junho de 1962, onde um dos principais objectivos era resolver a questão colonial.

<sup>19</sup> A luta de libertação começou no Norte pois foram nas fronteiras a Norte de Moçambique que surgiram os vários movimentos nacionalistas; foi ainda no norte que ocorreu o massacre que se tornou decisivo na unificação do povo moçambicano (o massacre de Mueda a 16 de Junho de 1960).

<sup>20</sup> Contudo, é importante frisar que não havia apenas um movimento, existiam pequenos movimentos que também estavam presentes nessa luta. As negociações, tendo apenas como único interlocutor a FRELIMO, provocaram agitações nas outras organizações (COREMO, MONI, POMO, MONAMO, FUMO, GUMO,

Nessas conversações, a comitiva da FRELIMO, chefiada por Samora Machel, pretendia que houvesse uma transferência imediata de poderes e afirmava que de nada valia que o novo governo tentasse iludi-los pois reivindicava a independência total e completa do povo moçambicano. Com efeito, alguns sectores do movimento nacionalista moçambicano defendiam a necessidade de criação de partidos políticos de modo a concorrerem a eleições que dessem lugar a um futuro governo provisório. No entanto, as negociações culminaram com a assinatura dos acordos de Lusaka, a 7 de Setembro de 1974, consagrando a liderança da Frelimo na condução do país à independência a 25 de Junho de 1975.

### **2.1.1 O Período Pós-Independência: da Guerra Civil à Paz**

Após a declaração da Independência, em 25 de Junho de 1975, a FRELIMO triunfou como sendo a única força política legítima e passou a exercer o seu poder no território Moçambicano. Com Samora Machel na presidência da República Popular de Moçambique, o país seguiu uma linha política marxista-leninista, muito influenciado, pelo leste Europeu. Essa resolução não agradou a muitos, facto que levou alguns grupos a oporem-se ao novo panorama político que surgia. Foi neste contexto, que a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO)<sup>21</sup>, como forma de se impor contra o rumo que o país tinha seguido, iniciou um conflito armado contra a FRELIMO como forma de contestação ao regime, conflito que acabou devastando o país.

No início dos anos de 1990 aumentavam os esforços para se por fim à guerra civil<sup>22</sup>, culminando esse longo período com a assinatura dos Acordos de Paz, a 4 de Outubro de 1992. É importante realçar que a igreja teve um papel primordial como mediador entre a FRELIMO e a RENAMO nas negociações pela PAZ. Após a assinatura dos Acordos consagrando o fim de 16 anos de conflito e o compromisso quanto à realização de eleições multipartidárias, sob supervisão das Organizações das Nações Unidas

---

FRECOMO, UNIPOMO, PCN). Algumas defendiam que o poder não deveria ser entregue a um único grupo, porque desta forma não estaria representada a vontade da maioria, não sendo uma atitude democrática.

<sup>21</sup> A RENAMO foi fundada em 1976 pelos serviços de segurança da antiga Rodésia do Sul, onde tinha a sua base de apoio. O objectivo deste movimento era desestabilizar o governo moçambicano e eventualmente provocar uma mudança de regime.

<sup>22</sup> É importante referir que Após a morte de Samora Machel em 1986 sucede-lhe Joaquim Chissano, e gradualmente, Moçambique foi-se afastando dos países do Leste Europeu a fim de obter ajuda económica do Ocidente. Em 1990, sob o impacto da queda do Murro de Berlim, a FRELIMO abandonou o marxismo-leninismo.

(ONU), o país abandonou uma lógica de partido único para encetar a via da democracia.

Muitos moçambicanos acreditam hoje que a guerra civil foi o período mais negro e traumático da sua história. Com efeito, se a conquista da independência tinha resultado de uma luta unida para o bem de todos os moçambicanos, este conflito foi vivido como uma guerra civil que quase destruiu a alma do país e muito sangue derramou-se entre irmãos.

## **2.2 Inhambane, uma janela sobre o Indico: História, geografia e os recursos naturais**

Inhambane, ou “terra de boa gente,”<sup>23</sup> assim apelidada pelos portugueses quando nela desembarcaram no século XV<sup>24</sup> e aí fundariam um entreposto comercial, é uma das cidades mais antigas do sul de Moçambique. As velhas ruas em estado precário, e os seus edifícios históricos, possuem uma aura particular, a calma e o charme de um mundo antigo aberto às influências orientais.

O Município de Inhambane localiza-se a 460km a norte de Maputo, na baía com o mesmo nome. A cidade de inhambane é a capital e o centro administrativo da província, e a Maxixe o centro comercial da região. Neste município de 65.249 habitantes 47,03% corresponde à população masculina e 52,97% à feminina<sup>25</sup>.

Situados em lados opostos da baía de Inhambane, os dois centros estão ligados pelo constante fluxo de barcos à vela e barcos táxi a motor. Por estrada a viagem para cidade de Inhambane é de 60km uma vez que ela corre pela paralela ao longo da curva da baía. Esta é uma província com uma alta taxa de pobreza, cerca de 80% da população vive numa situação de extrema pobreza. Neste contexto, a iniciativa *Pro-poor Tourism* pode ser um grande contributo para a redução da pobreza absoluta a médio e longo prazo.

---

<sup>23</sup> Vasco da Gama e a sua tripulação, aquando aportaram a Inhambane foram recebidos pelas tribos chopos, que os acolheram de boa vontade. Por essa razão os portugueses apelidaram Inhambane de “*terra de boa gente*”.

<sup>24</sup> Quando os portugueses se instalaram, já aqui se encontravam os comerciantes árabes. A partir do século XVIII a região assitiria à fixação de segmentos da diáspora Mercatil Indiana ( os baneanes, população indiana de credo Hindu) que desde 1686 controlavam o Comércio entre A Ilha de Moçambique e a Colónia portuguesa de Diu (Pereira Leite, J.: 1996 e 2001).

<sup>25</sup> Censo de 2007, INE.

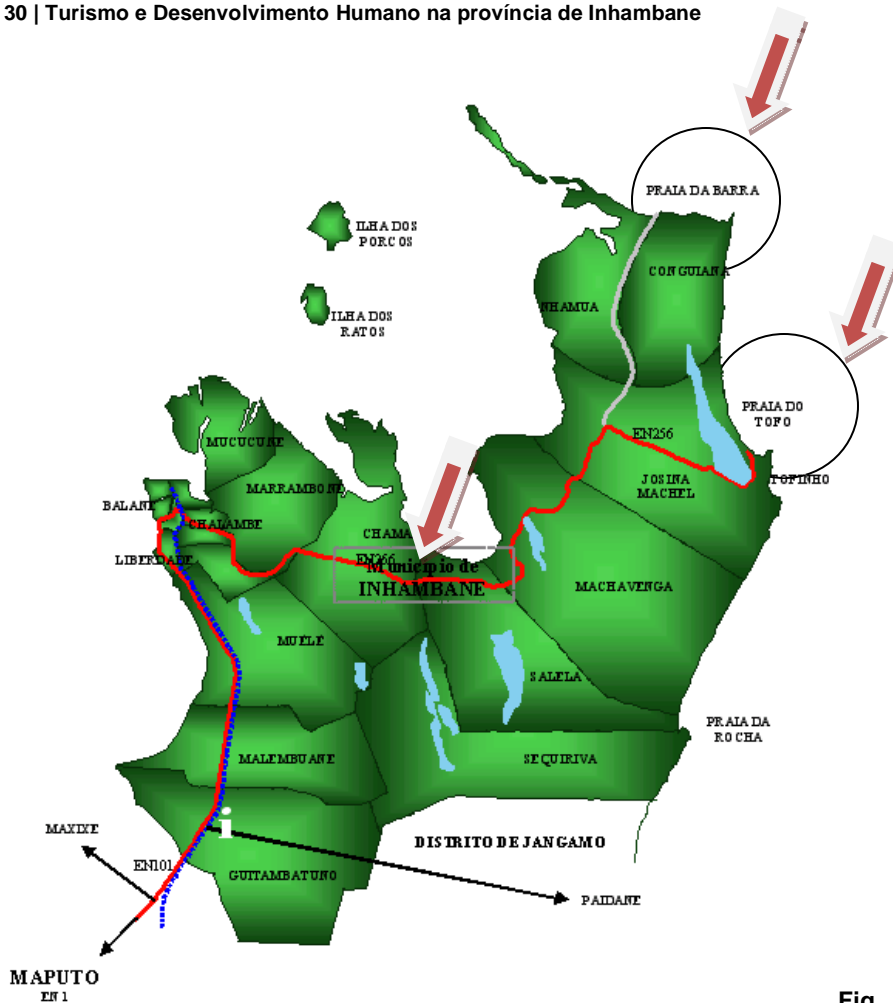


Fig. 3 Município de Inhambane

Ao longo da costa estende-se uma estreita faixa de floresta e inúmeras salinas interiores e lagos de águas doces, muitos dos quais são visíveis da estrada principal que acompanha a costa e dirige-se para norte. As plantações de coqueiros, bananeiras, cajueiro e mangueiras ladeiam a estrada nacional nº1 (EN1), conferindo a Inhambane uma visão tropical e luxuriante única. A parte ocidental da província, que se estende até a fronteira do rio Save é uma miscelânea de acácias com muitos embondeiros à mistura. É esta riqueza e mistura cultural e paisagística que confere a Inhambane uma riqueza inigualável e apaixonante. A uma distância de cerca de 20 km da Cidade de Inhambane encontram-se as praias do Tofo e da Barra zona privilegiada pelo nosso estudo, com as suas comunidades de pescadores e uma série de *lodges*<sup>26</sup> e áreas de campismo que oferecem toda uma variedade de desportos náuticos.

<sup>26</sup> *Lodge* é o tipo de edifício que é construído com recurso a materiais locais (madeira, palhas, folhas de palmeiras) e sobre fundações de cimento que geralmente se encontram no campo e nas praias. Estas

Esta província beneficia de características particulares dado que é o único local do planeta onde, durante todo o ano, se podem encontrar variadas espécies aquáticas. Em consequência, esta região oferece excelentes áreas de mergulho onde se pode ver espécies como os “ *aquatic big five*”: golfinhos, Tubarões, manta raia, Tubarão-baleia e tartaruga marinha.

Inhambane é assim um pólo de atracção em termos turísticos, onde cerca de 56% dos visitantes provêm da região da África Austral (maioritariamente da África do Sul), 27% do resto do mundo (maioritariamente vindos da Europa) e 17 % são nacionais.

### **2.3 A economia do Turismo e sua interacção com outros sectores de actividade**

A falta de segurança que se seguiu a 1975, resultou num acentuado declínio da actividade e nos finais dos anos 70, o sector do turismo deixou praticamente de existir. Durante o período da guerra Inhambane ficou isolada, os acessos tornaram-se bastante complicados e os investidores tinham muitas reservas quanto a investir num país em conflito. Porém, com a assinatura dos acordos de Paz em 1992, assistiu-se à revitalização do sector do turismo.

Tendo o país alcançado a estabilidade, e com o intuito de dar ao turismo um maior protagonismo, o governo moçambicano solicitou a Organização Mundial do Turismo a formulação de uma estratégia de desenvolvimento que enquadrasse devidamente os propósitos nacionais. Como resposta a esse pedido, a OMT produziu em 1993, um plano de desenvolvimento estratégico para o período de 1993 a 1997. Foi assim que, em Maio de 1995, com base neste plano o governo procedeu à formulação da política nacional do turismo e elaborou a estratégia para o desenvolvimento dessa actividade em Moçambique.

Por um lado, e como forma de reforçar o seu papel desta actividade no contexto das actividades económicas, o governo moçambicano criou em 2000 o Ministério do Turismo (MITUR). Segue-se em 2004, no contexto da elaboração do dossier nacional sobre esta actividade, a criação do primeiro Plano Estratégico para o Desenvolvimento

---

construções estão equipadas com simplicidade mas com os requisitos básicos, tais como instalações sanitárias e energia eléctrica.

do Turismo em Moçambique, cobrindo o período de 2004 a 2013. Nele se consagra um maior reconhecimento dos efeitos multiplicadores da actividade turística na economia, tendo em conta a transversalidade dos factores de produção que mobiliza.

De acordo com dados disponibilizados pela Direcção Provincial de Turismo de Inhambane (Abril de 2009), existem actualmente na praia da Barra, praia do Tofo e Cidade de Inhambane 127 estabelecimentos turísticos registados (entre *Lodges*, Hotéis, Restaurantes e Aluguer de quartos).

#### **Quadro1. Estabelecimentos turísticos de Inhambane**

Designação	Prai do Tofo	Praia da Barra	C. de inhambane
Lodges	27	45	0
Hotel	1		2
Aluguer de quartos/Pensão	2	2	5
Restaurantes	3		40
N. de Quartos	433	1171	86
N. de Camas	943	2570	170
Agência de Viagens	1		2

Fonte: Direcção Provincial do Turismo de Inhambane

O nível de Marketing, em Inhambane é feito de forma individual, os operadores turísticos normalmente dão a conhecer este destino através de websites, brochuras, rádio, publicidades em revistas, sendo que maioritariamente tudo é feito na África do Sul. Existem contudo alguns estabelecimentos que estendem a sua oferta para além da região e tentam abranger mercados internacionais como o reino Unido e França, tal como é o caso da Barra Lodge.

A OMT, no intuito de acabar com o Marketing individual perpetuado pelos estabelecimentos turísticos, apostou na estratégia que chamam de intervenção nos destinos turísticos, o *Destination Management*. O objectivo é dar a conhecer as potencialidades de Inhambane no seu todo, e não apenas aquele produto específico que determinado estabelecimento irá publicitar. De facto, a realização de um Marketing conjunto, alarga as possibilidades oferecidas aos turistas, estendendo automaticamente a sua presença no destino. Esse trabalho tem estado a ser feito com a Associação de Hotelaria e Turismo da Província de Inhambane (AHTPI), uma entidade do sector privado.

Em Inhambane, são hoje ainda fracas as ligações entre o turismo e a economia local. Porém, tendo em conta as grandes potencialidades associadas ao desenvolvimento daquela actividade, muito pode ser feito no sentido de promover essas sinergias, com benefícios claros para ambos. Com efeito, o facto da economia local ser pouco dinâmica em termos produtivos inviabiliza a sua participação na **oferta** de produtos e serviços necessários ao sector turístico, fazendo com que quase toda produção venha de fora, com consequências gravosas para as contas externas do país.

Actualmente, a maior parte dos produtos utilizados nos estabelecimentos turísticos não são produzidos localmente. As análises disponíveis sobre o sector assinalam que a província de Inhambane não está apta a responder às exigências de “*qualidade, quantidade e variedade*” (DPTUR *et al*, 2007: 9), exigidas pelos investidores. A dependência em produtos provenientes da África do Sul é significativa ainda que em alguns casos o fornecimento seja assegurado pela cidade de Inhambane ou na Maxixe, por Maputo ou por Chokwé. Da capital do país vem normalmente o tomate e a banana, e da África do Sul, os produtos lácteos, carne, fruta e vegetais. Esta situação é, em nosso entender, inaceitável se atendermos aos recursos que Moçambique dispõe ao nível agrícola.

Nesse sentido, é necessário que haja um maior incentivo no que concerne a produção nacional, para que não se dependa única e exclusivamente do estrangeiro, quer em termos de importação quer de Investimento. Assim, de louvar é a iniciativa recente da *Netherlands Developments Organization-Moçambique* (SNV)<sup>27</sup> em parceria com a Direcção Provincial de Agricultura, visando implementar um programa de produção de vegetais em estufa, tendo como mercado principal as instâncias turísticas de Inhambane.

Note-se que alguns *lodges* (como é o caso do Barra Lodge) têm procurado abastecer-se junto à produção local. No entanto esse sistema de abastecimento é precário devido a irregularidades de vária ordem, da instabilidade da produção às deficiências da distribuição, provocando a escassez de produtos. Acrescente-se ainda que é difícil determinar o volume de vegetais e frutas que são vendidas para as unidades turísticas, o que impossibilita qualquer avaliação do impacte desta actividade na economia local.

---

<sup>27</sup> A SNV-Moçambique é uma organização que tem uma abordagem de intervenção baseada no *pro-poor tourism*, o que implica que o turismo deve em última instância beneficiar as comunidades onde o desenvolvimento ocorre.

No que respeita a oferta de **produtos complementares** aos serviços turísticos, convém sublinhar que o facto da maior atracção de Inhambane ser o Sol e Mar, propicia o desenvolvimento de actividades como mergulho e pesca desportiva. Por outro lado o passado histórico da cidade começa também a ser explorado, uma dimensão que se tem revelado particularmente atractiva, nomeadamente para os turistas europeus, à imagem do que tem vindo a ocorrer em zonas similares da costa africana do Indico (Caso de Ilha de Moçambique, Zanzibar, Mombaça.)

A nível cultural, existem alguns grupos de dança, música e teatro, contribuindo para a difusão da cultura e vestuário local e que actuam em alguns estabelecimentos como o Guinjata Bay, Barra lodge, Bamboози e Fatima's. A promoção da gastronomia regional é também um aspecto a ter em conta, sendo que um dos pratos tradicionais da cozinha moçambicana, a mathapa (folhas de mandioca estufadas com amendoim), é já servido em alguns estabelecimentos turísticos.

Neste âmbito, salienta-se a iniciativa por parte da SNV, do Conselho Municipal da Cidade de Inhambane e Direcção Provincial do Turismo, que consiste num programa de **desenvolvimento de novos produtos turísticos**, trata-se fundamentalmente produtos turísticos culturais para complementar a parte de sol praia e mar. Uma das acções que está a ser posta em prática é a feira cultural no município de Inhambane, e que acontece regularmente todos os últimos sábados de cada mês. A intenção desta feira é oferecer a opção de mais alternativas de consumo aos visitantes, fazendo com que alarguem de um ou dois dias a sua estadia em relação aquilo que tinham planeado.

O desenvolvimento do artesanato é uma ocasião para os artesãos nacionais terem a possibilidade de vender directamente as suas obras aos turistas. Assim têm sido feitos esforços no sentido de levar os proprietários dos estabelecimentos turísticos a abrirem espaços dentro dos seus estabelecimentos para que os artesãos possam vender directamente e terem assim acesso a um mercado privilegiado. Deste modo não só promovem o artesanato local, como também estimulam a interacção cultural com os clientes. Note-se que tanto as ONGs como o Instituto para a Promoção de Exportações (IPEX) têm vindo a apoiar a presença de artesãos locais em feiras especializadas.

Os estudos actualmente disponíveis sublinham as várias iniciativas que podem ser postas em prática a fim de aumentar a procura de produtos e serviços locais. Apoiando-me nas ideias de Sarmiento (Sarmiento: 2007) eis algumas delas que podem ser postas em prática:

- Por um lado «, *os Hotéis e restaurantes de maior qualidade devem adaptar os seus menus de modo que a comida tradicional possa ser promovida entre os clientes*». Com esta iniciativa, não só os recursos locais seriam usados como também seria mais uma oportunidade de negócio que beneficiariam as mulheres que iriam confeccionar tais pratos;
- Por outro «*O governo e as ONGs devem estabelecer programas de elevação da capacidade de produção de bens locais de modo a contribuir para o desenvolvimento dos padrões, respondendo as exigências de qualidade*». Para tal, e dado que as populações não vêem o turismo como sendo algo que as vá beneficiar, pelo menos directamente, é importante que sejam esclarecidas sobre a pertinência do desenvolvimento do turismo;
- *Note-se ainda que, «O governo deve usar a campanha “made in Mozambique” para promover não somente os produtos industriais, mas incluir aqueles que são produzidos pelo sector informal*», dado o seu peso na economia moçambicana;
- E que também «*Os esforços devem ser feitos de modo a designar os pequenos produtores de alimentos como sendo produtores orgânicos de modo a permitir que a qualidade pobre seja mais aceite por ser livre de produtos químicos*». Esta iniciativa poderá de certo modo aumentar a confiança por parte dos empreendedores, que tem receio da qualidade dos produtos locais.

Um último terreno de actuação visa a capacitação dos pequenos empresários moçambicanos, cuja má formação neste domínio é frequente, com consequências gravosas para a desejável boa governação dos seus negócios. Refira-se neste quadro quer a promoção de cursos de pequena duração, quer as acções direccionadas à formação de guias turísticos locais, tal como as implementadas pelo Instituto Nacional do Turismo (INATUR) e algumas Ongs no domínio das práticas de gestão.

Sem dúvida que a **promoção das boas práticas de gestão turística** direccionada aos empresários mais carenciados constitui uma prioridade. Na província de Inhambane o nível de formação é deficiente sendo poucos, para não dizer inexistentes, os

estabelecimentos que formam pessoal qualificado para os estabelecimentos turísticos. Apenas o Hotel Escola Andalúcia em Maputo e a Escola Superior de Hotelaria e Turismo formam técnicos para indústria hoteleira. Esta última dá formação superior em planificação e gestão mas não está orientada para suprir as necessidades fundamentais da indústria turística tais como formação de pessoal qualificado para trabalhar como recepcionistas, arrumação de quartos e pessoal de restaurante.

Assim, o nível educacional dos empregados do sector do turismo em Inhambane é muito baixo, 32% são analfabetos e apenas 9% tem formação profissional e 59% educação escolar básica. Grande parte dos trabalhadores que compõe os 9% é mão-de-obra estrangeira, sendo que a maior parte trabalha na área administrativa.

Em conclusão, se é verdade que o sector do turismo promove um número significativo de empregos, o nível de qualificação desta mão-de-obra é baixa manifestando-se uma forte carência de trabalhadores profissionais na área. Contudo, tal facto, não invalida o interesse manifestado por parte de alguns empresários do sector em investir numa melhor qualificação do seu pessoal, foi o que nos foi dado observar no decurso da nossa passagem pelo terreno. Nesse sentido, e em nosso entender, importa que sejam criadas não apenas parcerias entre o sector público e o privado, a fim de elevar a qualidade dos serviços, mas ainda que os formadores sejam pessoas que conheçam a realidade moçambicana e que, de preferência, dominem a língua local, o *Bitonga*.

Sem dúvida que hoje, em Moçambique, muito tem sido feito pelas autoridades competentes no sentido de tornar os negócios do turismo acessíveis a todos os empresários, das pequenas às médias e grandes indústrias. Prova disso, destaca-se a iniciativa aprovada pelo governo moçambicano recentemente, o “projecto capulana”, iniciativa essa que tem como objectivos suprir a carência de alojamento turístico nos distritos. Este projecto constitui uma iniciativa nacional que consiste na construção de unidades de alojamento de padrão médio cuja gestão será confinada ao empresariado nacional. Pretende-se que sejam construídos pelo menos 3 estabelecimentos do género em cada uma das províncias do país. Neste quadro, tudo indica que o aproveitamento do dinamismo do sector informal, principal parceiro na economia nacional, venha a ter um papel de relevo na melhoria das condições de vida das populações mais carenciadas.

## **Capítulo 3: Um olhar sobre a situação do desenvolvimento humano: Cidade de Inhambane, Praia da Barra e Praia do Tofo**

### **3.1 Os investimentos na costa Litoral de Inhambane**

Durante a guerra civil o acesso para Inhambane era bastante complicado, devido à ameaça das emboscadas que muitas vezes se faziam sentir em plena EN1, destruindo vidas e bens materiais. Com o fim da guerra tudo se tornou mais fácil, e a maior parte do desenvolvimento do turismo ocorreu a partir de então. A Paz restituiu assim a confiança aos investidores e Inhambane tornou-se um destino propício para localização de mais actividades.

Quanto à localização dos investimentos, estes centram-se no Tofo pois já existia um plano de ordenamento feito pelos portugueses nesta pequena vila por volta dos anos 60. Estes começaram por construir casas de férias e, em 1970, abriram o primeiro hotel. No mesmo ano foi concluída uma estrada de alcatrão que liga a cidade de Inhambane a praia do Tofo. Em 1972, no final da época colonial foi elaborado um plano de urbanização para esta pequena vila. Após a independência, as dificuldades financeiras do estado socialista e a eclosão do conflito armado, fizeram com que a urbanização da zona fosse interrompida, e muitas das casas foram então abandonadas e caíram em ruínas.

Com a restituição da Paz, a costa norte (praia da Barra) da província de Inhambane foi “descoberta” e desenvolvida sobretudo por operadores de turismo sul-africanos, nomeadamente por volta de 94/95. Actualmente, qualquer tipo de veículo, ligeiro ou pesado pode fazer esse percurso sem problemas. Nesta zona a área apropriada para a construção é muito reduzida e a maior parte dos lodges optou pela disposição linear das casas. Contrastando com a praia do Tofo que é mais aberta a todos, a da barra mostra um carácter mais privativo. Alguns lodges cercaram as áreas viradas para a estrada e para vizinhos com palha e outros fizeram-no com arame farpado. Dado que a barra não beneficia de instalações públicas atrai muito pouca população local e é de difícil acesso para a maioria dos habitantes da cidade de Inhambane, criando-se ali as condições para o estabelecimento de um enclave de operadores e turistas que são na sua maioria brancos.

Quando as infra-estruturas turísticas foram implantadas, o regulamento do meio ambiente já definia as zonas e os sistemas frágeis que incluem as zonas primárias. No entanto foi nessas zonas que a maior parte dos investidores no Tofo e na barra preferiram implantar as suas construções<sup>28</sup>. Contudo, actualmente a maior parte dos investidores estão arrependidos, dado que perceberam quais as razões que levaram os regulamentos ambientais a interditar construções naquele local.

O turismo ainda não é uma actividade totalmente descentralizada, atendendo que a maior parte das licenças dos estabelecimentos turísticos, se não quase todas, são emitidas a nível dos governadores provinciais e do Ministro da tutela. Note-se que o processo do licenciamento era bastante moroso, ainda que com a criação do balcão único<sup>29</sup> se verifiquem melhorias nesse domínio.

De acordo com o que pudemos apurar junto de informadores privilegiados, a explosão desta actividade ocorreu por volta do ano 2000, altura em que se verificou um aumento no investimento turístico em Inhambane. O facto de quase toda a legislação sobre o turismo ser posterior ao ano 2000, pode ser um óptimo indicativo do momento em que o turismo começou a ganhar mais força. Sendo assim, é fácil concluir que até então não houve planos definidos que orientassem a actividade turística e que também só depois da actividade já estar implementada é que se começou a tentar fazer planos com medidas correctivas para as zonas que ainda não estavam abrangidas pelos mesmos. Saliente-se ainda que os planos actualmente existentes, não estão a ser rigorosamente cumpridos, muitas vezes porque a própria legislação não é clara quanto a certas situações.

Relativamente as receitas associadas ao desenvolvimento do turismo em inhambane, e dado que maioritariamente proveniente dos estabelecimentos cuja propriedade é estrangeira, tudo leva a crer que apenas marginalmente beneficiam as populações locais e a economia nacional. Com efeito a alusão a existência de “fugas de dinheiro”, por parte dos nossos interlocutores, ainda que de difícil verificação, resulta da

---

<sup>28</sup> Como exemplo, temos o empreendimento turístico Flamingo Bay, que foi construído sobre o mangal. Esta construção suscitou uma forte controvérsia devido aos impactes ambientais negativos a ela associados.

<sup>29</sup> O balcão único é uma instituição pública que surgiu por iniciativa do governo provincial com o apoio da GTZ, para facilitar os investidores no processo de investimento entre outros. O balcão único é o ponto de entrada de todo o processo de investimento, aqui estão concentrados todos os funcionários de todas direcções provinciais (turismo, agricultura, finanças entre outros).

constatação de que em muitos casos os turistas ao chegarem em Inhambane já pagaram o pacote todo no seu país de origem: “ *o dinheiro acaba entrando mas depois saindo tudo e não fica nada para o país e menos para as comunidades*”. Por essa razão, é muito importante, em nosso entender, que mais moçambicanos estejam envolvidos directamente no negócio do turismo, desde a provisão de produtos e ou serviços directos, como por exemplo alojamento e restauração, ao fornecimento de bens e serviços complementares direccionado ao consumo dos turistas.

### 3.2 As diferentes dimensões desse impacte

São vários os impactes do turismo. Neste caso seleccionamos apenas algumas dessas dimensões, para ilustrar o caso de inhambane:

- a) O primeiro respeita a incidência sobre a **procura de bens e serviços locais**. De acordo com a pesquisa efectuada e por estudos feitos pela SNV, chegou-se a conclusão de que no caso específico de Moçambique, particularmente o de Inhambane, o tipo de turismo que tem impactes económicos positivos é o de longa distância, o chamado turismo internacional. Geralmente, no turismo regional os turistas chegam pelos próprios meios, normalmente vem a conduzir, e dado que ainda existe aquela ideia generalizada de que Moçambique não tem condições optam por trazer tudo (comida, combustível entre outros bens que lhes sejam úteis) dos seus países de origem, acabando por gastar muito pouco, ou quase nada, no destino turístico.

Por seu turno, os turistas internacionais ao viajarem de avião, o que lhes impõe limites de bagagem, não trazem nada mais do que roupa e máquina fotográfica e, então, tudo de que precisam é comprado e consumido no destino. Assim, as entidades governamentais já tomaram consciência da necessidade de actuar criando medidas que visem atrair mais turistas internacionais por serem estes os que mais estimulam a economia nacional ou local.

Tem se verificado actualmente a existência de um grande fluxo de turistas de mochilas ou *backpackers*. Estes constituem a amioria dos turistas internacionais e ocupam alojamentos extremamente baratos, como por exemplo parque de campismo ou dormitórios. De realçar que este movimento ocorre mais no Tofo do que na Barra, dada as facilidades de acesso que existem, como a oferta de acomodações do estilo *low cost*. Determinados analistas defendem que os *backpackers* apesar de fazerem parte

de um segmento populacional que viaja com orçamento muito limitado ficam mais tempo no destino. De acordo com um estudo efectuado pelo assessor turístico da SNV, estes visitantes permanecem cerca de 30 dias em Moçambique, o que faz com que o seu impacto na economia local apesar de ser baixo seja relevante. Em média os *backpackers* visitando vários destinos acabam despendendo muito mais do que outros segmentos e consomem praticamente tudo que é produto nacional.

**b) Visíveis são os efeitos do turismo no esforço de formação dos recursos humanos.** A funcionar em inhambane, desde 2004, a Escola Superior de Hotelaria e Turismo (ESHTI)<sup>30</sup>, visa a formação futura de quadros nesta área. Pelo facto de se tratar de uma instituição muito recente, sendo que os primeiros diplomados datam de 2006, é prematura qualquer análise definitiva sobre esta experiência. No entanto, salientamos alguns aspectos que julgamos relevantes. Assim, ainda que de momento a ESHTI não tenha um grande contributo já tem participado na criação de postos de trabalho ao nível do sector. Existem alguns formandos desse empreendimento que estão afectos ao sector público e privado, apesar de a nível dos *Lodges* ainda não existir uma absorção maciça dessa mão-de-obra.

Actualmente a acção dos alunos deste estabelecimento de ensino têm sido relevante a diferentes níveis tal como referiu um dos inquiridos, *«têm dado pareceres a nível de projectos ambientais focalizados ao longo da costa; Muitas vezes estão encarregues de elaborar pareceres em relação a primeira versão do projecto em questão e a posterior são submetidos a direcção provincial de educação ambiental; Tem contribuído a nível de alguns projectos de desenvolvimento turístico e participaram directamente no desenvolvimento do projecto turístico da província de Inhambane; Quando é necessário a realização de algum estudo de mercado ou um guia turístico, são sempre incluídos os estudantes ou os professores. No fundo tem sido um contributo de grande valor, e pensa-se que contribuam ainda mais num futuro mais próximo»* [N2].

---

<sup>30</sup>A ESHTI tem dois ramos de formação dentro da licenciatura do Turismo, o ramo de planeamento turístico e o ramo de animação e informação turística. Os formandos saem com nível superior onde são capacitados para exercer a função de gestores turísticos. Estes não tem a capacidade de trabalhar por exemplo na parte operacional de uma cozinha, estão mais virados para gestão hoteleira.

c) No que respeita ao **emprego**, o desenvolvimento do Turismo em Inhambane tem sido relevante, porém, os investidores que estão envolvidos neste tipo de actividade procuram a todo custo ganhar mais e gastar menos. Adoptando a fórmula mágica subjacente ao sucesso de qualquer negócio os empreendedores turísticos empregam mão-de-obra local, mas não em cargos que exijam altos salários. O recrutamento desses trabalhadores é feito de acordo com uma lógica particular inspirada no lema “learning by doing”, onde *«inicialmente começam por colaborar como simples operários afectos a construção das instalações turísticas. Quando as obras acabam alguns são seleccionados pelos próprios empresários e passam a trabalhar como empregados nos empreendimentos turísticos onde desempenham as funções menos qualificadas (empregados de mesa, empregados de quarto, em alguns casos cozinheiros e outras funções menores)»* [N1]. Verifica-se assim que se empregam moçambicanos geralmente sem formação ou com formação básica ou elementar. São raros os casos de moçambicanos com formação superior a trabalhar no turismo, particularmente em inhambane.

Para além do mais, se em alguns casos a criação de emprego é real noutros é fictícia. Na realidade, conforme nos foi dado a entender, ainda que haja estabelecimentos que pagam mais que o salário mínimo, outros nem esse valor remuneram. Ou seja, cria-se emprego mas muitas vezes até se cria pobreza, como salienta um dos nossos interlocutores, sócio do Grupo Barra Resorts, *“existem empresas em que há dois anos atrás o trabalhador assinava um certo salário mínimo na folha mas não recebia isso. Mas fazia se de conta que aquela empresa cumpria com o salário mínimo. Num caso desses, o camponês que deixa de ser camponês, fica dependente de um salário que nem é mínimo, é capaz de estar mais pobre. Mas como já vendeu a terra e esta não lhe pode ser devolvida, então fica dependente.”* Esta situação também só é possível, devido a deficiência que existe a nível da fiscalização por parte das entidades competentes.

d) A questão do **Género**<sup>31</sup> constitui um tema de grande importância no presente momento, atravessando todos aspectos de qualquer actividade seja ela económica ou

---

<sup>31</sup> O género é um conceito analítico que é construído social e historicamente. Segundo o relatório elaborado pelo grupo de peritos criado pelo Conselho de Europa, “entende-se por igualdade de género a igual visibilidade, autonomia, responsabilidade e participação dos dois sexos em todas as esferas da vida pública e privada”. Nesta perspectiva é importante ter em conta que a desigualdade de géneros não está associada com as diferenças inerentes ao sexo biológico, mas sim com a forma como a sociedade vê e trata os sexos individualmente.

não, Quando nos situamos no domínio do turismo a sua pertinência mantém-se. Em Inhambane as disparidades de género são gritantes, existe uma maior apropriação de mão-de-obra masculina em detrimento da mão-de-obra feminina. Isto é , numa escala de 1 a 10, existem 8 homens e 2 mulheres. As mulheres normalmente entram no mercado de trabalho por intermédio dos homens, e estes uma vez empregados, vão chamando as esposas, cunhadas, gerando uma rede de contratação familiar.

De acordo com o estudo realizado, são várias as razões que explicam este fenómeno, desde as de natureza cultural, como as causas sociais e até mesmo históricas, conforme referiram alguns dos inquiridos: para um dos entrevistados *«essa é uma questão que ainda se está por investigar. O negócio do turismo ou os trabalhos no turismo, não são socialmente muito bem vistos quando são feitos por mulheres, principalmente o trabalho de Bar, restaurante, transmite uma imagem negativa»* [N1]. Foi - nos possível observar, no que respeita a distribuição das tarefas, que os guardas, os serventes de mesa, cozinheiros e recepcionistas são maioritariamente homens, enquanto as mulheres trabalham nos quartos.

Para outros, o facto de haver mais homens do que mulheres, *«poderá ser por uma questão cultural, pois em muitos países africanos, e Moçambique não é a excepção, o homem é que trabalha e as mulheres cuidam da lida da casa, e culturalmente esse trabalho quem faz é o homem»* [N3].

Ou há ainda quem refira que o facto de existirem mais homens empregados em relação a mulheres prende-se com um fenómeno que já é histórico, e que tem a ver com a chegada dos colonos, *«Os colonos quando chegaram em Inhambane pegaram nos homens, para o chibalo (trabalho forçado), escravatura e as mulheres é que ficavam em casa. Os homens fizeram um interface com o Ocidente mais rápido do que as mulheres e isso não se nota apenas no campo. Assim como se for a qualquer empresa, mesmo na cidade, a maior parte dos trabalhadores são homens, mas não é porque os homens não querem que as mulheres trabalhem, eles foram os primeiros expostos ao sistema de trabalho Ocidental»* [N4].

### 3.3 Impactes sobre o modo de vida das comunidades locais

A lei moçambicana determina para os investidores uma obrigatoriedade de consagrar uma quota anual de 20% de imposto de renda em benefício das comunidades, o que faz parte da responsabilidade social. Contudo, apesar de existir essa obrigatoriedade e a mesma estar definida pela lei, a sua implementação é outra história. Mesmo assim, se atendermos aos raros casos de estabelecimentos que tem honrado a sua responsabilidade social face a população local, observamos que diferentes actividades foram empreendidas em benefício do desenvolvimento comunitário. Salienta-se que em alguns bairros as melhorias são visíveis ao nível das infra-estruturas da educação (construção de salas de aulas); da saúde (foram construídos alguns centros de saúde); do saneamento básico (colocação de furos de água) e também a nível da qualidade das habitações.

De acordo com os inquiridos e pela observação realizada, não só o turismo, mas a dinâmica do desenvolvimento provocada por esta actividade criou algumas mudanças, umas positivas e outras negativas. No que concerne aos **impactes positivos**, podemos destacar alguns aspectos:

- Dado que o turismo é um sector que depende muito da provisão de serviços e produtos de outras indústrias, foram surgindo em Inhambane novas e mais infra-estruturas: *«abriram-se muitas lojas, isso a nível da cidade, passando a haver maior circulação de dinheiro nas instituições financeiras; Não existiam em Inhambane muitas dependências bancárias, só havia uma dependência do antigo Banco Austral agora Barclays, mas actualmente existem três dependências<sup>32</sup> do referido banco»* [N1];
- O comércio também cresceu muito não só em quantidade mas também em qualidade, o que fez com que passasse haver uma diversificação dos produtos oferecidos no mercado local. O próprio supermercado em Inhambane, ainda que não tenha sido aberto a pensar especialmente na população local, mas na população estrangeira residente, acaba também por beneficiá-los;
- No domínio dos transportes são patentes algumas melhorias, nomeadamente pelo aumento das carreiras;

---

<sup>32</sup> Delegações ou filiais

- De notar a construção de novos edifícios, ie nstalação de novos serviços e melhorias nas vias de comunicação. «*Já estão presentes em Inhambane as duas telefonias móveis, a Mcel e a Vodacom*» [N5];
- Também é notável a expansão da rede eléctrica e as melhorias nas respectivas vias de acesso: ainda que a instalação da rede eléctrica para a zona da Barra tenha sido feita a pensar nos estabelecimentos turísticos a verdade é que as populações estão a beneficiar desse investimento;
- Com o fluxo de turistas as populações que vendem nos mercados têm como clientes não só os locais mas também os turistas;
- O emprego na área do turismo, ou em áreas com ele relacionadas tem vindo a subir consideravelmente: «*em termos de emprego, pode se dizer que 3 em cada 5 pessoas que tem um emprego em Inhambane que não estejam a trabalhar no sector público, 1 trabalha numa estância turística ou então num negócio que é alimentado pelo turismo. Neste sentido o turismo, em termos de impactes económicos tem no emprego a sua maior incidência apesar de pagar salários não muito elevados, sendo que cerca de 95% da mão-de-obra é local e 5% é estrangeira*» [N1].

Em termos de **impactes negativos** não se deve responsabilizar única e exclusivamente o turismo, ainda que este tenha também a sua quota-parte de responsabilidade:

- Existe um problema ambiental que é bastante notório: em Inhambane, todos operadores turísticos querem, em termos de localização, instalar-se nas dunas primárias (próximos da costa marítima), o que consideram uma situação privilegiada. Essa, situação criou muita erosão, principalmente na praia do Tofo. Originou ainda problemas de encerramento de vias de acesso dificultando o caminho para a praia das populações locais. Em consequência «*os residentes em vez de percorrerem 200m para chegar a praia passaram a ser obrigados a percorrer km. Esta situação provoca tensões não só, ambientais mas também de certo modo culturais, pois interfere nos modos de viver das populações*» [N1];
- Um segmento da população que tem muito contacto com os turistas é a classe dos artesãos, e é justamente nesta classe que se notam muitos dos efeitos perversos do turismo. A proximidade estabelecida com o turista leva este grupo a tomar o visitante como um modelo a seguir, procurando copiar o estilo de vida destes visitantes. No nosso entender a componente negativa desta influência

- prende-se com o facto das pessoas desta zona terem uma educação limitada e não conseguirem compreender que os turistas não vivem nos seus locais de origem tal como se apresentam aos olhos das populações locais;
- Tal como os artesãos, muitos jovens começam adoptar os modos de viver dos turistas, pois acabam por imitar os seus comportamentos: *«uns começam a fumar, outros ainda começam a beber com mais frequência, uma vez que os turistas estão de férias, bebem todos dias, e os jovens acabam vivendo os 30 dias do mês como se estivessem também de férias»* [N1];
  - Verifica-se nestas zonas (Barra e Tofo), um abandono escolar precoce: *«os professores reclamam que começam o ano lectivo com 20 alunos e terminam com 10. Porque os meninos deixam as aulas para ir atrás dos turistas para vender missangas, apanhar conchas para fazer colares e vender nas praias»* [N3]. Este fenómeno não desejado deve ser acautelado pelos responsáveis das políticas públicas;
  - Denota-se finalmente, que as línguas nacionais começam a ser relegadas para segundo plano. De facto, tanto na praia do Tofo como na da Barra e mesmo na cidade (principalmente nos bares e restaurantes) as pessoas sentem-se mais confortáveis em comunicar em inglês do que em português, devido ao contacto que estabelecem com os turistas; Contudo, importa salientar que a população de Inhambane beneficia de uma exposição as outras culturas o que não acontece aos que vivem noutros pontos do país fechados ao turismo. Esta acaba por ser uma vantagem pelo alargamento de horizontes que proporciona, desde que sejam acautelados os efeitos negativos acima assinalados.

### 3.4 Reflexão em torno dos resultados obtidos através do inquérito realizado as famílias das populações circundantes ao pólo turístico

No quadro 2 apresenta-se as variáveis usadas na regressão. Os dados foram obtidos através de um questionário aleatório realizado em Inhambane, Moçambique nos meses de Abril a Maio de 2009. O questionário foi pré-testado em alunos do mestrado de Desenvolvimento e Cooperação Internacional do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). A aleatoriedade foi assegurada separando a população em 3 grupos: (i) População da cidade exposta ao turismo. (ii) População da cidade não exposta ao turismo e (iii) População rural exposta ao turismo. Em cada um destes clusters foi retirada uma amostra aleatória que serviu de base ao questionário.

O questionário continha várias questões a saber: uma primeira parte dedicada as características pessoais dos inquiridos; sendo que a segunda parte refere-se aos Atributos específicos relativos ao Turismo, constituído pelas seguintes questões:

1. O turismo é importante
2. Factores importantes
3. Práticas alteradas devido ao turismo
4. Práticas de turistas
5. O que compram os turistas
6. Que imagem tem dos turistas

Cada questão é composta por várias opções de resposta onde o 1-nada importante e o 6-extremamente importante. Através destas variáveis pretende-se medir o nível do impacte da actividade turística sobre as populações locais.

<b>Quadro 2- Estatísticas Descritivas das Variáveis</b>					
	Nobs	Mínimo	Maximo	Média	Desvio padrão
Variável Endógena					
Considera que o turismo é importante para o desenvolvimento	420	0	1	0.94	0.232
Variável Exógena					
Educação	420	0	12	7.28	3.802
Viver na cidade	420	0	1	.37	.484

Estradas melhoraram com o turismo	419	1	6	1.96	1.427
Frequenta pastelarias	420	1	5	2.35	1.283
Andam de chapa	418	1	5	3.48	1.281
Andam de carro	419	1	5	4.59	.759
Apoia o desenvolvimento do Turismo	421	1	5	4.78	.592

Tal como se apresenta no quadro 2, podemos muito claramente concluir que para a maior parte dos inquiridos que residem na cidade, não acham o turismo muito importante, e para muitos deles não consideram que tenha havido melhorias nas infra-estruturas, como as estradas, e nem que tenha contribuído para alteração do seu modo de vida social, ou seja, não passaram a frequentar mais pastelarias devido a prática do turismo. Contudo, é de realçar que no geral, tanto para quem viva no campo como na cidade o turismo é importante para o desenvolvimento e tem contribuído para que muitos dos turistas andem dos transportes públicos locais, apesar de muitos também optarem pelo carro particular.

A partir do quadro 3 verificamos que a amostra contém 420 observações. Esta amostra é representativa da população de Inhambane que foi a população de referência. Esta é composta por 65.249 habitantes dos quais 47,03% corresponde a população masculina e 52,97% a população feminina (Censo 2007, INE).

A “*educação*” é uma variável contínua que varia de 0-12 níveis educacionais, que envolve pessoas sem qualquer educação formal (0) e que respondeu ao questionário por ser um questionário por entrevista e a 12 classe. Apesar de haver pessoas com curso superior na comunidade de Inhambane elas não foram entrevistadas por razões decorrentes do procedimento de aleatoriedade adoptado.

“*É da cidade*” é uma variável dicotómica que é 1 se a pessoa é da cidade e zero se é rural. “*Estradas Melhoraram*” é uma variável de Likert variando de 1 a 6 , com 1 –nada importante e 6- não sei. “*Frequenta pastelarias*” é uma variável de Likert que variável de 1 a 5 com 1- Não frequenta e 5 – frequenta muito. “*Anda de chapa*” é uma variável de likert que variável de 1 a 5 com 1 –não anda e 5 anda muito. “*Anda de carro*” é uma variável de likert que variável de 1 a 5 com 1 –não anda e 5 anda muito. “*Turismo é*

*importante para o desenvolvimento*” é uma variável de Likert variando de 1 a 5 com 1 – nada importante e 5 – muito importante.

O quadro 3 apresenta os resultados do modelo logit:

$$P(\text{Turismo é importante para o desenvolvimento}) = \alpha_{0i} + \alpha_{1i} \text{Educação} + \alpha_{2i} \text{Édacidade} + \alpha_{3i} \text{Estradas} + \alpha_{4i} \text{Pastelarias} + \alpha_{5i} \text{Chapa} + \alpha_{6i} \text{Carro} + \alpha_{7i} \text{Apoia o desenvolvimento} + \varepsilon_i$$

A variável endógena é o *turismo é importante para o desenvolvimento* e a probabilidade de achar que o turismo é importante para o desenvolvimento depende positiva e significativamente da “*educação,*” “*estradas melhoraram,*” “*frequenta pastelarias,*” “*anda de chapa,*” “*anda de carro,*” “*o turismo é importante*” e da constante; e depende negativamente de “*è da cidade*”.

**Quadro 3 - Resultados do modelo logit**

		Coeficientes	Erro padrão	Nível de significância
Step 1 <sup>a</sup>	Educação	,118	,065	,068
	Viver na cidade	-1,920	,602	,001
	Estradas melhoraram com o turismo	,681	,242	,005
	Frequenta pastelarias	,598	,292	,040
	Andam de chapa	,420	,212	,048
	Andam de carro	,570	,278	,040
	Apoia o desenvolvimento do Turismo	1,070	,275	,000
	Constante	-8,066	1,797	,000

Step	-2 Log likelihood	Cox & Snell R Square	Nagelkerke R Square
1	131,435 <sup>a</sup>	,118	,328

Verificamos que o R<sup>2</sup> é de 0.328 que corresponde a um valor aceitável para uma regressão baseada em dados de inquérito. As variáveis são interpretadas como a probabilidade do inquirido considerar que o turismo é importante para o desenvolvimento. Todas as variáveis constantes da regressão são estatisticamente

significativas com distintos níveis de significância. As variáveis positivas significam que a probabilidade de considerar o turismo importante para o desenvolvimento e as negativas que essa probabilidade diminui. Todas as variáveis com excepção de “*viver na cidade*” são positivas, pelo que se conclui que apenas as pessoas da cidade não apoiam o desenvolvimento do turismo. Contudo esta conclusão deve ser interpretada cautelosamente, como se verá abaixo. O significado deste resultado é que a população mais educada é aquela que apoia mais o desenvolvimento do turismo achando que este é importante para o desenvolvimento da cidade. A população que usa pastelarias, anda de autocarro (chapa), que anda de carro e que acha que o turismo é importante é a que apoia o desenvolvimento do turismo. Estas famílias são em Inhambane pessoas de cidade, o que significa que quando acima se concluiu que as pessoas da cidade não consideram o desenvolvimento importante, há que perceber que existem na cidade de Inhambane as que acham que o turismo não é importante e são a maioria, tornando a variável “*viver na cidade*” negativa, mas também existe uma população activa e educada que acha que o turismo é importante.

Qual deve ser a acção de política urbana para aumentar na população o apoio pelo turismo? Por um lado é necessário que as pessoas sejam informadas sobre o que é afinal o turismo, para poderem avaliar como podem aproveitar-se deste tipo de actividade. Pois pudemos observar que estas não entendem muito bem o que se passa a sua volta, e muitos encaram esta actividade como sendo algo que só beneficia algumas pessoas. Porém, se soubessem, poderiam tirar mais vantagens desse processo. Por outro lado as medidas a por em prática não devem implicar um corte sobre o modo de viver das populações, ou seja, qualquer que seja a política a ser posta em prática deve ser feita tendo em conta as necessidades e habilidades das populações locais.

#### **Capítulo 4. Conclusões**

Com base na análise realizada tendo por base as fontes documentais, orais e a administração do inquérito, pude concluir que ainda é bastante cedo para saber se o turismo está efectivamente a contribuir para o desenvolvimento humano das populações locais. Contudo, tal constatação não invalida que sejam tiradas algumas conclusões preliminares e possa ser feita uma leitura sobre os impactes do turismo nestas populações, pese embora a escassez de dados sobre a temática dificulte tal avaliação.

Com base no questionário realizado e no modelo *logit* estimado, concluímos que o nível educacional das pessoas aumenta a sua percepção quanto à importância que o turismo tem para o desenvolvimento de Inhambane. Nesse sentido é necessário que haja mais investimento a nível de educação, pois o que se verifica é que a falta de formação da população moçambicana tem sido um entrave para que os mais carenciados percebam o que está acontecer a sua volta. Verificando-se ainda que as pessoas que moram na cidade, sendo que estão menos expostas ao turismo, não apoiam o desenvolvimento desta actividade. Porém a população que usa pastelarias, anda de autocarro, andam de chapa, e frequentam pastelarias apoiam o turismo; o que significa que as pessoas que vivem na cidade e simultaneamente tem educação, que são as que andam de autocarro, chapa e vão as pastelarias apoiam o desenvolvimento do turismo.

Podemos neste sentido afirmar que existem algumas melhorias na vida da população aliadas ao desenvolvimento desta actividade económica. Contudo, face à transversalidade da mesma, seria injusto atribuí-las única e exclusivamente à acção do turismo. Sem dúvida que os últimos 10 anos foram de crucial importância para o desenvolvimento do turismo em Moçambique, verificando-se, por parte do governo moçambicano, uma maior atenção a este sector, dado que no passado os investidores estavam, por assim dizer, entregues a sua sorte. Essas melhorias nas condições de vida das populações têm se verificado directa ou indirectamente em resultado dos investimentos que tem sido feito a nível de infra-estruturas e no acesso ao consumo de bens.

É ainda desejável que exista uma maior colaboração entre empreendedores, governo e comunidades, para que as acções a serem desempenhadas o sejam em prol ou benefício de todos. Importa ainda que se criem sinergias entre as actividades

desenvolvidas em torno do turismo, pois ao momento o que domina são as acções isoladas. É ainda necessário que haja mais moçambicanos envolvidos directamente no negócio do turismo, não só como proprietários dos estabelecimentos mas também a comercializarem directamente os seus produtos para o turismo. O que falta de facto é o empenhamento de moçambicanos e quaisquer outros investidores no fornecimento de serviços de apoio ao turismo, em vez de estarem todos concentrados na construção de mais alojamentos.

Se por um lado os empresários são acusados de apenas empregar os locais para funções de baixa qualificação, não nos devemos abster de salientar, por outro, que o país sofre de grandes carências no domínio da mão-de-obra qualificada, o que constitui um forte impedimento à incorporação de trabalhadores nacionais nesta actividade. Com efeito, apesar do esforço que se tem verificado a nível de formação de quadros superiores, estes ainda não conseguem suprir as necessidades dos empreendedores. Uma maior capacitação dos empresários locais seria também uma grande aposta. Com efeito uma melhor formação permite a todos os que estão a trabalhar no turismo evoluírem na carreira, aumentarem os seus pacotes salariais e contribuiriam de forma mais relevante para economia nacional e o bem-estar social.

Finalmente, quanto a questão do género, ao contrário do que defende Christie (2001)<sup>33</sup>, para quem o turismo pode abrir portas para o emprego feminino, no caso de Inhambane as mulheres são as mais negativamente afectadas no que se refere ao trabalho nesta área. Ou seja, constrangimentos de natureza cultural e social próprio ao contexto moçambicano que limitam a empregabilidade das mulheres no sector. Ainda que se verifique alguma evolução neste domínio, a maioria das mulheres vê o seu trabalho confinado ao espaço doméstico, à esfera reprodutiva e não produtiva.

---

<sup>33</sup> V.d pág. 17

## Bibliografia

1. Assembleia da República, Lei nº 4/2004 de 17 de Julho.
2. ANAND, S.; SEN, A. (2000), Human development and economic sustainability, *World Development* Vol. 28 (12) pp 2029-2050.
3. ALASTAIR, Greig, et al (2007) *Challenging Global inequality. Development theory and practice in the 21 st century*, Palgrave macmillan, London..
4. BARROS C.P. and Peter U.C. Dieke (2008) Technical Efficiency of African Hotels. *International Journal of Hospitality Management*, 27,3, 438-447 .
5. BARROS, C.P.; Antónia Correia and Richard Butler (2008) Heterogeneity in Destination Choice: Tourism in Africa. *Journal of Travel Research*, 47,2, 235-246.
6. BATASYAL, Amitrajeet A., (1998), The Environment and Development: Which Way Now?, *Development Policy Review* Vol. 1 pp. 433-439 BLEWITT, John (2008) *Understanding sustainable Development*. Earthscan, London.
7. BROWN, Frances; Hall, Derek (2008) Tourism and development in the Global South: The Issues, *Third World Quarterly*, 25 (5) pp 839-849
8. BINNS, Tony; NEL, Etienne (2002) Tourism as local development in South Africa, *The Geographical Journal*, Vol. 168 (3) pp 235-247
9. BRITTON, S.G (1982), The Political Economy of Tourism for Third World Development, *Annals of Tourism*, Vol. 9 (3) 331-358
10. BROHMAN, J (1996), New Directions in Tourism for third World Development, *Annals of Tourism* Vol. 23 (1) 48-70
11. CHRISTIE, Iain T. and CROMPTON, Doreen E. (2001), *Tourism in Africa*. The Working Paper Series. The World Bank pp. 1-45.
12. COMOANE, Ana (2007), Impacto da Política de Desenvolvimento em Turismo: o caso dos PMAs, em especial Moçambique - continências e estratégias, Coimbra, Almedina.
13. CORREIA, Jorge (1989), *RENAMO: Resistência Nacional moçambicana*, edição fórum moçambicano
14. CARETO, Hélder; LIMA, Susana (2006), *Turismo e Desenvolvimento Sustentável*, Lisboa, Geota pp 71-97.
15. CUNHA, Licínio (2000), *Economia e Política do turismo*, Lisboa, McGraw-Hill.
16. CUNHA, Licínio (2007), *Introdução ao Turismo*, 2ªedição, Lisboa, Verbo.
17. CUNHA, Licínio (2005), As dimensões económicas do turismo, *cadernos de economia*, ano XIX nº73 pp 116-121.

18. CHIB, S.N (1980), Tourism and Third World, *Third World Quarterly*, vol. 2 (2) pp. 283-294.
19. DIEKE, Peter U. C. (2005) Critical Issues factors for Third development in Less Developed Countries (LDCs), Bélgica, Presented at the “Debate on Tourism I the toolbar of Developments Projects”
20. DANN, Graham M.s (2002) “Tourism and Development”, In *Companion to Development Studies*, London, Hodder Arnold, pp 236-240.
21. DFID (1999) “*Tourism and Poverty elimination: untapped potential*”, Department for International Development (DFDI), London.
22. ELLIOT, Sheryl M.; MANN, Shaun (2005) “*Development, Poverty and Tourism: Perspective and Influences in Sub-Saharan Africa*”, The Working Paper Series, The GW Center for the Study of Globalization.
23. Fukuda-Parr, Sakiko (2003) “The Human Development Paradigm: Operationalizaing Sen’s Ideas on Capabilities”, *Feminist Economics*, 9(82-3): 301-317.
24. FUTTER, Margaret; Wood, Libby (1997), Tourism and development: No Short Cuts, *Indicator for South Africa*, Vol. 14 (2) pp. 64-67
25. *Gestão de zonas costeiras e turismo: potencialidades e limitações para um desenvolvimento sócio-ambiental compatível em Inhambane/Moçambique*, Humboldt-Universitat.
26. GHIMIRE, Krishma B. (2001), Regional Tourism and South-south economic cooperation, *The Geographical Journal*, vol 167(2) pp.99-110.
27. HILL, Carolyn (1998), *Green globe: the Tourism Industry and Sustainability*”, Coral Reefs: Challenges and opportunities for Sustainable Management, Washington DC, The World Bank, pp.118-123
28. Jursa, Paul E.; WINKATES (1974), James E., Tourism as Mode of Development, Volume IV, N 1.
29. LAWRENCE, Kathryn (1994), *Sustainable Tourism Development*, in Protected area. Economics and policy: linking conservation area sustainable development , Washington D.C, World Bank and World conservation Union (IUCN), pp 263.269
30. LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L. (2000), *Introdução ao Turismo*, Rio de Janeiro, Elsevier, 7ªtiragem
31. Michlen, IAN (1999), *Isto é Moçambique*, New Hollanf Publishers, UK

32. MILL, Robert Christie; Morrison, Alastair M. (1992), *The tourism system: an introductory text*, New Jersey (USA), Prentice hall international editions, second edition p 1-14.
33. Ministério do Turismo (2003), *Política e Estratégia do Turismo*, Maputo.
34. Ministério do Turismo (2004), *Plano estratégico para o desenvolvimento do turismo em Moçambique 2004-2013*, Maputo.
35. Ministério do Turismo (2006) “*Estratégia de Marketing Turístico 2006-2013*”, República de Moçambique, Novembro, Maputo.
36. MONDLANE, Eduardo (1977), *Lutar por Moçambique*, III edição, Lisboa, Sá da Costa.
37. MACHEL, Samora (1974), *Estabelecer um poder popular para servir as massas*, Lisboa, Publicações Nova Aurora.
38. MACHEL, Samora Móises (...) “*O Processo da revolução democrática popular em Moçambique*”
39. NCOMO, Barnabé Lucas (2003), *Uria Simango: Um Homem Uma Causa*, Maputo, edições Safrica.
40. Pereira Leite, J. (1996) “A Diáspora indiana em Moçambique: Em torno da presença indiana em Moçambique-séc XIX e primeiras décadas da época colonial”, in *Economia Global e Gestão*, nº2/96, Lisboa, pp67-108.
41. Pereira Leite, J.(2002) “Indo -britanniques et indo.portugais : présence marchande au Sud de Mozambique au moment de l’implantation du système colonial, de la fin du XIX ème siècle jusqu’aux années 1930 “ in *Outre-Mers Revue d’Histoire* ( Revue française d’histoire d’outre-mer) ,pp 13-37
42. PNUD (1994), *Relatório do Desenvolvimento Humano*, Lisboa, Tricontinental.
43. PNUD (1995), *Relatório do Desenvolvimento Humano*, Lisboa, Tricontinental.
44. PNUD (1996), *Relatório do Desenvolvimento Humano*, Lisboa, Tricontinental.
45. REDCLIFF, Michel (2002) “Sustainable Development”, In *Companion to Development Studies*, London, Hodder Arnold.
46. SANTOS, Maria João Nicolau (2005), *Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Empresarial*”, Oeiras, 1ªedição, Celta, pp. 1-27.
47. SEN, A. (1997), Human capital and human capability, *World Development* Vol. 25 (12) pp 1959-1962.

48. SIDAWAWAY, James D; Simon, Davis (1993) "Geopolitical Transnation and State Formation: The Changing Political Geographies of Angola, Mozambique and Namíbia" *Journal of Southern African Studies*, Vol. 19 (1) pp 6-28
49. VIEIRA, João Martins (2005), Limites sociais ao desenvolvimento do turismo, *cadernos de economia*, ano XIX nº73 pp. 122-126.

**Internet:**

<http://www.worldmapfinder.com>; mapa de África

[http://images.google.com/imgres?imgurl=http://farm4.static.flickr.com/3093/2289175079\\_6830dbf164.jpg&imgrefurl](http://images.google.com/imgres?imgurl=http://farm4.static.flickr.com/3093/2289175079_6830dbf164.jpg&imgrefurl), Mapa de Moçambique

[www.ine.gov.co.mz](http://www.ine.gov.co.mz), Instituto Nacional de Estatística

# ANEXOS<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Excerto das entrevistas realizadas em Inhambane

## **ANEXO 1**

**N1: Dr. Manuel Mutimucuo**

**Assessor de turismo da SNV**

**Entrevistador: esse tipo de turistas (backpackers) geralmente consomem o que a região produz, ou também já vêm carregados com tudo?**

**MM:** numa mochila não pode entrar tudo e também viajam de avião. Há correntes que defendem que os *backpackers* pesar de serem segmentos de turistas que viajam com orçamento muito limitado, mas porque ficam no destino durante muito tempo (eu fiz um estudo) ficam cerca de 30 dias em Moçambique, em media os *backpackers* visitando vários destinos acabam gastando muito mais do que outros segmentos e consomem praticamente tudo nacional.

**E: Que tipo de mudanças ocorreram em inhambane derivadas a actividade do turismo?**

**MM:** É preciso fazer-se um estudo para auferir isso, mas de acordo com a minha experiência posso dizer que inhambane, a mais ou menos 5 anos que estou aqui desde 2004, indicam que, não só o turismo, mas a dinâmica do desenvolvimento provocada pelo turismo criou algumas mudanças, algumas positivas e outras negativas. Começando pelas positivas, influenciou de forma muito positiva o negócio em inhambane. Inhambane era uma cidade extremamente morta, e ainda continua mas porque o turismo é uma indústria que depende muito da provisão de serviços e produtos de outras indústrias. Surgiram bancos, só havia aqui uma dependência do antigo banco Austral agora Barclays mas existem três dependências e se a memória não me trai, o comércio também cresceu muito não só em quantidade mas também em qualidade, isto porque não só os operadores turísticos que agora estão obrigados a viver cá, mas também os seus clientes que são os turistas tem uma espécie de consumos de certo tipo produtos, então já existem esses produtos que devem representar aquela qualidade mas também a quantidade.

Abriram-se muitas lojas, isso a nível da cidade, então passou a haver mais circulação de dinheiro em inhambane. Em termos de impactos negativos, não sei se devem ser responsabilizados única e exclusivamente o turismo, mas o turismo também tem a sua quota-parte de culpa. Olhando para os impactos ambientais, a maior parte dos

operadores turísticos quer estar em termos de localização nas dunas primárias, porque é uma localização privilegiada, estão logo em frente ao Mar. Essa situação criou muita erosão, principalmente na praia do tofo, criou problemas de por exemplo encerramento de vias de acesso ao mar nas comunidades que ao em vez de percorrerem 200m para chegar a praia algumas são obrigadas a percorrer km para chegar a praia. São tensões não só, ambientais mas também de certo modo culturais.

No tofo, é mais fácil comunicar se em inglês do que em português, mesmo com os locais que tem mais contacto com os turistas. As línguas nacionais começam a ser relegadas, isso também é um impacto negativo.

**E: De que forma a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, poderá contribuir para o desenvolvimento do turismo na região?**

**MM:** é natural que contribua, agora como contribui? Aí já exige um bocadinho de reflexão. A escola está aberta desde 2003, sendo que os primeiros graduados saíram em 2006. As pessoas trabalhando ou não directamente na área do turismo, algumas estão em inhambane. Eu particularmente sou produto da escola do turismo aqui, não estou a trabalhar não numa instância mas na área do turismo. São poucos os que estão a trabalhar no sector privado do turismo, isto porque os salários não são aliciantes, mas o sector público absorveu algumas pessoas.

**E: na experiência que tem nesta área, existem mais mulheres empregadas ou mais homens?**

**MM:** mais homens, e em proporções terríveis, cerca de 8 homens 2 mulheres, de um a 10. Porque? Essa é uma questão que ainda se está por investigar. Mas o negócio do turismo ou os trabalhos no turismo, não são socialmente muito bem vistos quando são feitos por mulheres, principalmente o trabalho por exemplo de Bar, restaurante, pois transmite toda aquela imagem negativa...

**E: De que forma é que o turismo tem contribuído para o desenvolvimento humano das populações locais da província de Inhambane?**

**MM:** A coisa boa do turismo e isso tem acontecido, a bem ou mal em Inhambane, é que para servir o turista nós somos obrigados a criar infra-estruturas básicas que acabam servindo as populações locais. Se em jangamo ou outro distrito de jangamo, se tem energia, é por causa do turismo, se não fosse pelo turismo ainda haveriam de esperar

um pouco mais. As próprias pessoas, os locais neste caso de Inhambane, tem uma exposição as outras culturas que pessoas de outros pontos do país não tem. E isso é uma vantagem sob o ponto de vista da maneira de ver o mundo que as pessoas têm.

Os estabelecimentos turísticos também, não estão obrigados, mas em princípio são incentivados a desenvolver actividades de desenvolvimento comunitário. Um exemplo muito bom disto é o grupo barra *Resorts*, que inclui barra lodge, que tem participações significativas a nível de provisão de água potável para a comunidade; melhorias também no acesso a educação, são coisas que podem ser melhoradas, mas já é alguma coisa.

Mas o turismo poderia fazer mais do que faz, mas já faz alguma coisa, porém seria totalmente erróneo negar que esteja acontecer alguma coisa. O que acontece é que nós não temos até aqui, mecanismos eficientes de realmente seguir o contributo do turismo, também muito devido a sua transversalidade. Tudo aquilo que em inhambane mudou por causa do turismo acabou beneficiando as pessoas que vivem em inhambane.

## **ANEXO 2**

**N2: Dr. King, Técnico Superior de Turismo**

**Loja de Negócios - Balcão Único**

**Entrevistador: Se pudesse delimitar qual seria o período que pode considera que se deu o *boom* do turismo na província de Inhambane?**

**King:** concretamente em 2005, pois foi por essa altura que começaram a ser implementados maior número de projectos, deu-se também a entrada de mais investidores na província, com volumes de investimentos nos projectos com valores elevados, acima 1 milhão de dólares e projectos de alta qualidade.

**E: Que mudanças ocorreram nesta zona, que sejam derivadas do turismo? E Acha que o modo de vida da população foi alterado devido a prática do turismo?**

**K:** sim foi. Porque o turismo veio criar mais postos de emprego, eliminação da pobreza em concreto. Tendo em conta que uma família é constituída por norma por 5 ou 6 pessoas. Em cada ano, são aproximadamente postos de trabalho criados a nível do turismo. São também construídas algumas infra-estruturas a favor dessas comunidades

(furos de água, ajuda nas escolas e nos hospitais, construção de algumas salas de aulas, oferta de material.

**E: Verifica-se na maior parte dos estabelecimentos uma maior apropriação da mão-de-obra masculina existe alguma razão especial para isso acontecer?**

**K:** Acredito que seja pelas questões culturais já existentes a muitos e muitos anos mas agora há tendências de mudar porque mesmo os operadores turísticos tem optado pelo contratação diferencial da mão-de-obra feminina, talvez também porque a mão-de-obra feminina não tem concorrido muito nesses locais, não tem dado preferência nestes empregos. Ou ainda porque muitos desses empregos são ganhos inicialmente como construtores, e a posterior, a tendência é depois se incorporar como efectivo nos próprios estabelecimentos.

**E: De que forma a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, poderá contribuir para o desenvolvimento do turismo na região?**

**K:** já tem contribuído, primeiro com posto de emprego, estudantes formados entraram para direcção provincial, e até ao final deste ano (2009) entrarão mais 2 ou 3. E tem dado pareceres a nível de projectos. Projectos ambientais focalizados ao longo da costa, eles elaboram pareceres em relação aquilo que é a primeira versão do projecto em questão, e são submetidos a direcção provincial de educação ambiental; Tem contribuído a nível de alguns projectos de desenvolvimento turístico; Eles participaram directamente na elaboração do projecto turístico do desenvolvimento de Vilankulos; participaram directamente no desenvolvimento do projecto turístico da província de inhambane, estavam aqui a estagiar, e contribuíram na elaboração desse projecto. E tem sido um contributo de grande valor. E penso que vai continuar, quando nós precisamos de elaborar certos projectos como por exemplo de um estudo de mercado ou um guia turístico incluímos a escola superior, estudantes e professores.

**E: De uma forma geral, acha que o turismo seja importante para o desenvolvimento humano da província de Inhambane?**

**K:** O turismo tem grande importância, primeiro porque contribui com grandes receitas cobradas aos estabelecimentos turísticos, essas receitas são encaminhadas directamente para o estado, são receitas do estado. Depois com essas receitas são essas que são encaminhadas para a província e para o desenvolvimento da província. E, os próprios operadores turísticos contribuem nas comunidades onde estão

localizadas, a partir da contribuição em alguns bens, construção de algumas infra-estruturas e talvez oferta de material quer escolar quer hospitalar, contribuem ainda com a oferta de postos de trabalho. Tendo em conta que a maior parte dos residentes sobrevive do turismo, quer directa ou indirectamente, os postos de trabalhos são na maior parte na área do turismo.

### **Anexo 3**

**N3: Dr. Amílcar Chambule, Técnico de Turismo**

**Conselho Municipal da Cidade de Inhambane**

**Entrevistador: Poderia delimitar qual é o período que pode considerar que se deu a explosão do turismo aqui na província de inhambane?**

**Amílcar Chambule:** a maior parte do desenvolvimento do turismo ocorreu no fim da guerra. Foi o início, mas o *boom* acho que se deu a partir do ano 2000. Começou-se a despertar muita atenção. Depois de se estar num período de paz, as pessoas estavam mais confiantes porque já havia estabilidade. As vias de acesso para inhambane eram complicadas, mas a partir de 92, 93 melhoraram.

**E: Até que ponto é que se verifica apropriação da mão-de-obra local das actividades que estão ligadas ao turismo?**

**AC:** tem se recrutado localmente as pessoas mas para aquelas funções mais básicas. Aquelas pessoas que têm conhecimentos de inglês passam a ser bar man waiter's. Nós estamos num país fortemente migratório para África do sul, muitos jovens migram, sendo que muitas pessoas acabam por ter conhecimento da língua sul-africana, o que acaba por ser uma vantagem na altura da contratação.

**E: Na maior parte dos estabelecimentos existe uma maior apropriação da mão-de-obra masculina, existe alguma razão especial para esse fenómeno?**

**AC:** ... acho que se pode enquadrar dentro da conjuntura das pessoas cá. E do ponto de vista cultural, para nós o homem é que trabalha e as mulheres ficam em casa, e culturalmente esse trabalho quem faz é o homem.

**E: De que forma a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, poderá contribuir para o desenvolvimento do turismo na região?**

**AC:** O facto de terem pensado em instalar a escola superior de hotelaria e turismo aqui na província de inhambane é sinal de que, a priori a escola tem um potencial de ajudar a desenvolver. Mas eu acho que a escola pode fazer muito mais do que aquilo que está a fazer até agora. Porque, até agora a escola não tem uma ligação muito forte. Têm parceria com um e outro estabelecimento turístico falando de estágios, mas já podia envolver-se mais activamente.

Formam quadros, mas os quadros que formam, não são os quadros que os operadores turísticos estão a precisar na sua óptica. Porque a nível de gestão confiam mais nos seus conterrâneos. Se bem que o novo regulamento do turismo, já tem uma secção dedicada aos gestores. Onde os empresários tem uma obrigatoriedade que refere que todos os estabelecimentos turísticos, devem ter alguém formado na área específica para ser gestor. É uma abertura que a própria lei deu para enquadramento do pessoal. O regulamento foi aprovado em 2007, mas para estar efectivamente a ser cumprido ainda vamos ter que caminhar um pouco.

#### **Anexo 4**

**N4: Dr. Manuel Nhamtumbo**

**Accionista do Grupo Barra Resorts**

**E: Que mudanças é que acha que ocorreram nesta zona que sejam derivadas ao turismo?**

**MN:** bom...há a tal coisa da criação de emprego, em alguns casos é real e em alguns casos é fictícia. Porque algumas instituições nem pagam salário mínimo, e há instituições que pagam mais que o salário mínimo. Cria-se emprego mas muitas vezes até se cria pobreza. Depende da Política da empresa. Eu conheço empresas que a dois anos atrás o trabalhador assinava um certo salário mínimo na folha mas não recebia isso. Mas fazia se de conta que aquela empresa cumpre com o dever de pagar o salário mínimo. Num caso desses, o camponês que deixa de ser camponês, fica dependente de um salário que nem é mínimo, e é capaz de estar mais pobre. Mas como já vendeu a terra e não pode devolver, então fica dependente.

Depende, essa coisa da criação de emprego, não é linear mas no geral, se for visitar as redondezas, se estivesse aqui a 10 anos atrás não havia a volta, tantas casas das populações. As coisas vão mudando, eu estou aqui a 10 anos, por exemplo, quando eu cheguei ao longo da estrada não havia nenhuma casa; e hoje tens água ao longo da estrada, que algumas instâncias fizeram para beneficiar os locais. Nós barra lodge fizemos furos para a população, entre a josina machel e o bairro nhamua e contruimos ainda salas de aulas.

Então em termos de benefícios directos temos salários, que os empreendedores por si próprios podem fazer directamente para beneficiar as populações, e indirectamente beneficiando os seus próprios trabalhadores.

**E: Existem mais trabalhadores do sexo masculino em detrimento do sexo feminino, existe alguma razão especial para que tal aconteça? Ou ainda por razões culturais, em que quem trabalha é o homem?**

**MN:** Isso é histórico, tem a ver com a chegada dos colonos. Os colonos quando chegaram aqui pegaram nos homens, para chibalo, escravatura, e as mulheres é que ficavam em casa. Os homens fizeram um interface com o Ocidente mais rápido do que as mulheres, só isso, e no campo isso nota se mais. Assim como se for a qualquer empresa, mesmo na cidade, a maior parte são os homens, mas não é porque os homens não querem que as mulheres não trabalhem, eles foram os primeiros expostos ao sistema de trabalho Ocidental. É só o reflexo disso, não há uma política de discriminação, as pessoas que estão lá são qualificadas.

**E: E a nível dos produtos utilizados tanto no barra lodge como no flamingobay, são nacionais ou importados?**

**MN:** é uma mistura. Como sabe até há produtos nacionais que são importados. Como a cerveja, é nacional mas é importada, a fábrica é sul-africana. Nós cá fazemos um esforço nesse sentido, trazemos o que não conseguimos comprar em Moçambique. Porque temos um compromisso de qualidade, nós temos que garantir esse nível. Por exemplo, a batata nós compramos aqui, o problema aqui é que não se produz todo ano. Nós temos uma estufa, onde produzimos alface, onde produzimos tomate, é uma experiência que estamos a fazer, e estamos a tentar fornecimento ao dia, mas é muito complicado.

O que falta muito de facto que moçambicanos e qualquer outro investidor, se aproxime dessas áreas de desenvolvimento turístico e comecem a fornecer serviços de apoio ao turismo. Em vez de estar toda gente a construir Lodges, o ideal, eu até tenho falado com várias pessoas sobre isso, seria haver mais serviços de apoio.

**E: De um modo geral, acha que o modo de vida da população foi alterado devido a prática do turismo**

**MN:** sim...as pessoas mudam, tem barracas, as pessoas ganham o seu salário, poupam um bocadinho e abrem uma barraca. Já ouvem música em alto som todo dia. Isto está a mudar os modos de viver das populações, as pessoas estão a adaptar-se, o que não acredito que esta seja uma das formas correctas desejadas de mudanças. Mas ao mesmo tempo ocorre que as pessoas como já tem salário já podem pagar pelos cadernos das crianças para ir para escola, as crianças tem sapato.

Nós por exemplo, aqui no nosso bairro de Kundjane, nós não queremos aquele fenómeno de crianças na rua, ou seja, não queremos que quando passam os turistas estas estejam a pedir *swetie swetie*. Tínhamos esse fenómeno mas com o emprego, acabou.

Se for para a praia da barra, todas aquelas construções que estão ali ao longo da rua (salão de cabeleireiro, mercada, lojas) todas aquelas construções são fruto do desenvolvimento do turismo, pois ao longo da rua não havia nada, só havia palhotas. Por isso, sempre que há emprego há mudança.

**Anexo 5**

**N5: Dra. Mariamo Abdula, Docente Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane**

**E: Que mudanças ocorreram nesta zona derivadas ao turismo?**

**MA:** Nós podemos ver que por exemplo o desenvolvimento dos transportes. Eu diria isso porque pelo número de carreiras transportes que aumentaram, de vários destinos até inhambane cidade; mas também há o desenvolvimento de algumas infra estruturas, como edifícios novos, instalação de novos serviços: por exemplo nós não tínhamos aqui a Mcel, a Vodacom; verifica-se ainda que surgiram mais restaurantes; O próprio hotel de inhambane sentiu se forçado a reforçar os seus serviços.

**E: De que forma a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane, poderá contribuir para o desenvolvimento do turismo na região?**

**MA:** bem...só o facto de estar a formar graduados capacitados para gerir, o mercado turístico já é bastante. Se formos a ver hoje em dia, se formos a dar uma volta pelas Instituições, a maior parte dos cargos nível estratégicos a nível das organizações são ocupadas pelos estrangeiros porque não havia na altura pessoal qualificado para ocupar esses cargos, Mas eu acredito que com a escola cá, com a capacidade de formar gestores, seja um contributo valioso.



**1. Factores Importantes:**

	1 - Nada importante	2 - Pouco importante	3 - Importante	4 - Muito importante	5 - Extremamente importante	6 - Não sei
As estradas da região melhoraram com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os transportes da região melhoraram com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As escolas da região melhoraram com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os hospitais da região melhoraram com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O emprego na região melhorou com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A segurança melhorou com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A habitação melhorou com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A alimentação melhorou com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os negócios na região melhoraram com o turismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há turistas moçambicanos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**2. Práticas alteradas devido ao turismo**

	1 - Nada	2 - Pouco	3 - Importante	4 - Muito importante	5 - Extremamente importante
Passou a ir a restaurantes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Passou a usar outras roupas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fala inglês?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fala com os turistas ?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há mais assaltos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A vida melhorou?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Já entrou no hotel?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Já se hospedou no hotel?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Frequenta as pastelarias?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**3. Práticas de turistas:**

	1 - Não	2 - pouco	3 - alguma coisa	4 - bastante	5 - Muito
Os turistas vão à praia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas vêm aos mercados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas passeiam na cidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vão à igreja	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Vão à mesquite	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas andam de chapa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas andam de carro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas chegam de avião	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas chegam de carro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas vão ao hospital	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas andam de machimbombo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vão as festas locais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Andam de barco	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fazem mergulho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactam com a população local	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

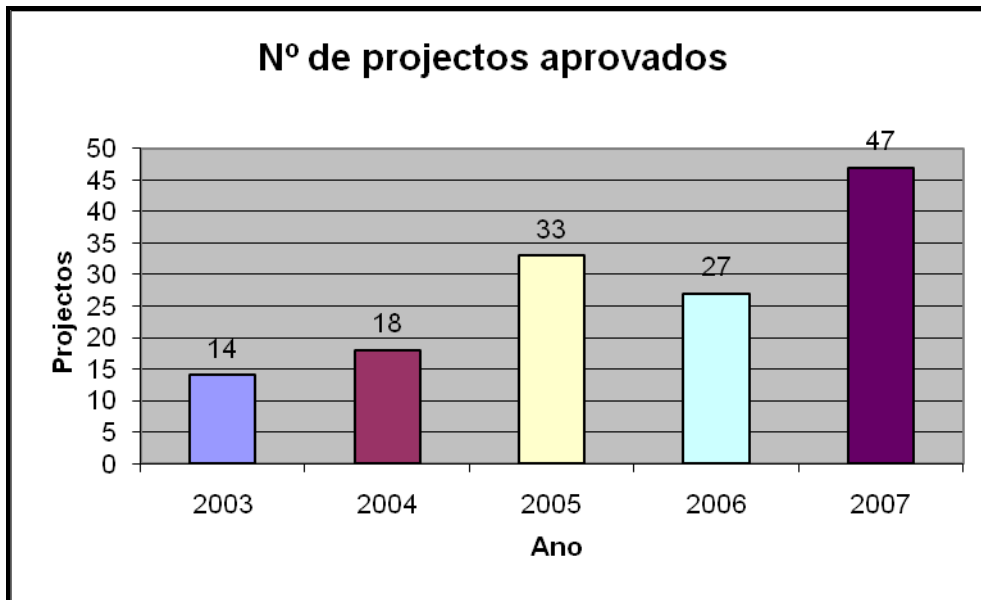
#### 4. O que compram os turistas

	1 - Nada e	2 - Pouco	3 - Importante	4 - Muito importante	5 - Extremamente importante
Artesanato	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Calamidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fruta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Peixe e Mariscos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Produtos locais (Mandioca, tangerina)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jornais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Casas ou terrenos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

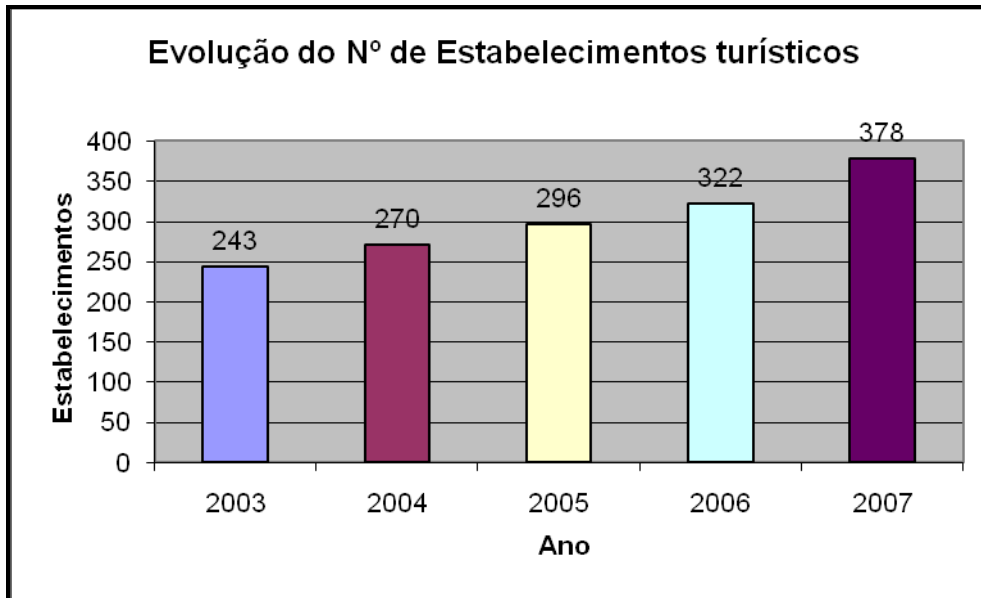
#### 5. Que imagem dos turistas

	1 - Discordo Muito	2 - Discordo um pouco	3 - Não concordo nem discordo	4 - Concordo um pouco	5 - Concordo Muito
Falam bem com a população	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Simpatiza com os turistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os turistas são simpáticos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acho o turismo importante para o desenvolvimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

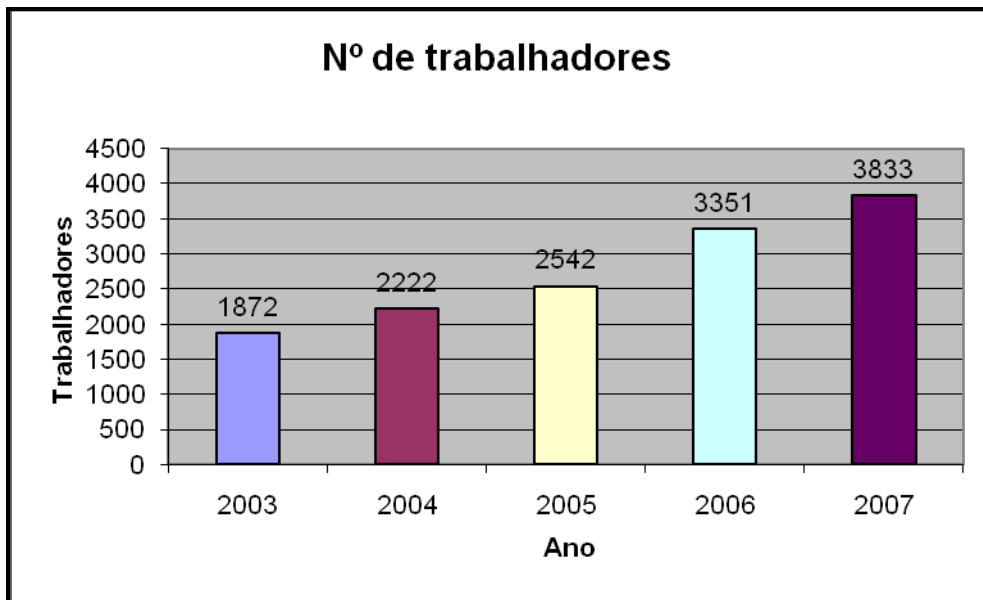
### Anexo 7: Gráficos sobre o desempenho do turismo na Província de Inhambane



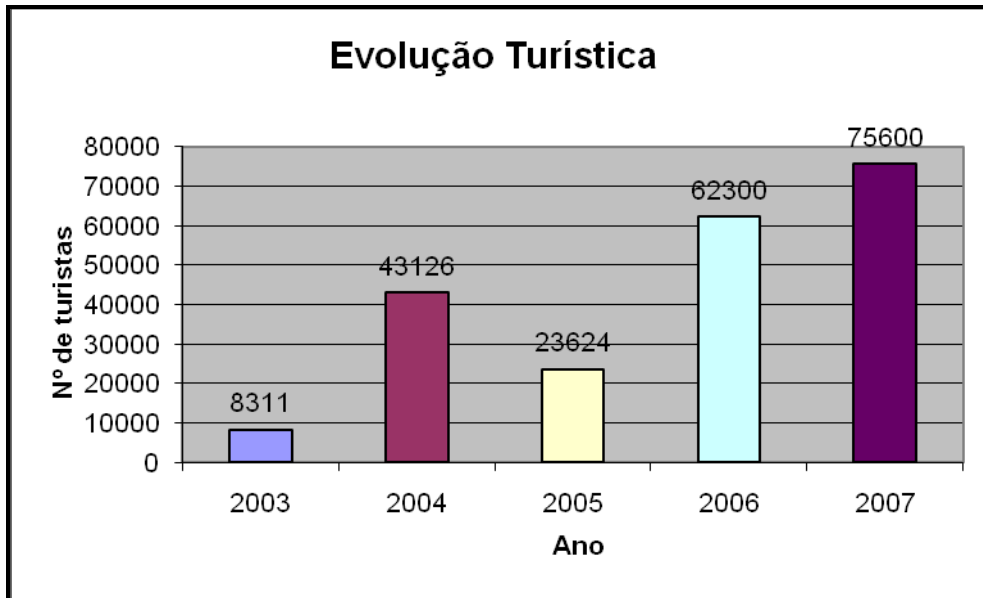
Fonte: balcão único



Fonte: balcão único



Fonte: balcão único



Fonte: balcão único

